

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**CAIO TEIXEIRA SOARES**

**A PRIMAVERA ÁRABE EGÍPCIA:  
ANÁLISE SOBRE O USO DAS REDES SOCIAIS NO 25J**

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**A PRIMAVERA ÁRABE EGÍPCIA:  
ANÁLISE SOBRE O USO DAS REDES SOCIAIS NO 25J**

Monografia submetida à Banca de Graduação como  
requisito para obtenção do diploma de  
Comunicação Social / Jornalismo.

**CAIO TEIXEIRA SOARES**

**Orientadora: Profa.Dra. Cristina Rego-Monteiro da Luz**

RIO DE JANEIRO  
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **A Primavera Árabe egípcia: análise sobre o uso das redes sociais no 25J**, elaborada por Caio Teixeira Soares.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia ...../...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Rego-Monteiro da Luz  
Doutora em Comunicação e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Dra. Marialva Carlos Barbosa  
Pós-Doutora em Comunicação pelo Centre National des Recherches Scientifiques, Paris, França  
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Dra. Rose Marie Santini  
Pós-Doutora em Economia no Centre d'Estudis i de Recerca d'Humanitats i al Dept. d'Economia da Universitat Autònoma de Barcelona  
Departamento de Comunicação - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2013

Para Naila, Pedro, Isadora e Luise, meus  
amores.

## **Agradecimentos**

**Agradeço à professora Cristina, pela confiança, à Gabriela e Natasha, pela paciência, à Paula e Gabriel, pela ajuda, à Isabel, Thiago, Rafael e Guilherme, pela amizade, à Lucila, Pedro, Helena, Cecília, Francisco e tantos outros Teixeira Soares, pela família, ao CAP/UFRJ, pela educação, à Escola de Comunicação, pelo aprendizado.**

“Facebook e Twitter não são a rede social. Nós somos.”  
(Amr Gharbeia, ativista egípcio)

## FICHA CATALOGRÁFICA

TEIXEIRA SOARES, Caio.

A Primavera Árabe egípcia: análise sobre o uso das redes sociais no 25J. Rio de Janeiro, 2013.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação  
– ECO.

Orientadora: Cristina Rego-Monteiro da Luz

TEIXEIRA SOARES, Caio. **A Primavera Árabe egípcia: análise sobre o uso das redes sociais no 25J**. Orientadora: Cristina Rego-Monteiro da Luz. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

## RESUMO

Entre o dia 25 de janeiro e 11 de fevereiro de 2011, o Egito passou por uma das mudanças mais marcantes de sua história recente. Após três décadas no poder, três semanas de mobilizações e protestos envolvendo uma crescente parcela da população conectada pela Internet culminaram na deposição do Presidente Hosni Mubarak. Milhares de pessoas ocuparam as ruas demandando liberdade política, o fim da corrupção e melhor qualidade de vida. Este projeto tem como objetivo identificar os elementos que compõe a conjuntura tecnológica-informacional do Egito, a influência das mídias sociais e da cultura digital como catalisadoras do movimento que se notabilizou como a "Primavera Árabe", frente ao atual quadro histórico, econômico e social egípcios.

Palavras-chave: Primavera Árabe, mídias sociais, tecnologia e mobilização social.



## **ABSTRACT**

Between January 25 and February 11, 2011, Egypt passed through one of the most striking changes in its recent history. Three weeks of demonstrations and protests involving an increasing share of the population connected to the Internet resulted in the ousting of President Hosni Mubarak, who left after three decades in power. Thousands of people went to the streets demanding political freedoms, an end to corruption and better life quality. This project aims to identify the elements that make up the informational-technological environment of Egypt, the influence of social media and digital culture as catalysts of the movement that became famous as the "Arab Spring", opposite the current Egyptian historical, economic and social context.

**Keywords:** Arab Spring, social media, technology, social mobilization

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1 CONTEXTO POLÍTICO E ECONÔMICO PRÉ 25J .....</b>	<b>16</b>
1.1 Uma perspectiva geopolítica do governo Mubarak.....	16
1.2 O despertar da Primavera .....	21
<b>2 AS REDES SOCIAIS (ANALÓGICAS E DIGITAIS) NO CASO EGÍPCIO .....</b>	<b>30</b>
2.1 Web 2.0 e mobilização .....	30
2.2 Internet e redes no Egito .....	35
2.3 Quem é quem na Praça Tahrir .....	42
2.4 O 25J na mídia.....	44
<b>3 O OUTONO .....</b>	<b>57</b>
3.1 O meio foi a mensagem? .....	57
3.2 O espólio.....	64
3.3 O conteúdo simbólico da Primavera Árabe .....	68
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>75</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>78</b>

## INTRODUÇÃO

Mohamed Boauzizi, vinte e seis anos de idade, era apenas mais um vendedor ambulante na província de Sidi Bouzid, a duzentos quilômetros de Tunis, capital da Tunísia. Ao negar o pagamento de propina para que pudesse comercializar sua mercadoria, Boauzizi foi brutalmente agredido pela polícia local. Revoltado, acabou tomando uma atitude drástica: ateou fogo a si próprio. No dia seguinte, os amigos do jovem mercador realizaram um protesto em frente à prefeitura, e as imagens da manifestação foram rapidamente compartilhadas no Facebook. O governo, temendo o surgimento e a consequente repercussão de novos protestos, decidiu bloquear diversos sites. Apesar da censura, o presidente Zine al Abidine Ben Ali, que estava há mais de 20 anos no poder, não resistiu à pressão popular e foi obrigado a renunciar. Mohamed Boauzizi acendeu a chama que acabou com sua vida, mas também ateou fogo em todo o mundo árabe.

O povo egípcio, animado com o exemplo da Tunísia e rompendo a barreira do medo que se impunha há uma geração, ocupou as ruas demandando liberdade política, o fim da corrupção e melhor qualidade de vida para a população empobrecida. Sem usar nenhuma mídia vinculada ao estado, e utilizando redes sociais virtuais como Facebook e Twitter, os manifestantes mandaram a mensagem para centenas de milhares de pessoas e “sequestraram” o feriado de 25 de janeiro de 2011, dia da polícia nacional egípcia, como momento inicial dos protestos. A Praça Tahrir, no centro da capital Cairo, tornou-se o núcleo de uma revolução que, em três semanas, levou à queda do Hosni Mubarak, há quase três décadas no poder.

A Primavera Árabe, como ficou conhecido este amplo movimento que durante 2011 se estendeu pela Tunísia, Egito, Líbia, Bahrein, Síria, Iêmen, Argélia e Jordânia, trouxe transformações profundas no Mundo Árabe, região que há décadas é controlada por regimes ditatoriais que reprimem a ferro e fogo toda manifestação em defesa de direitos ou que venha a desestabilizar relações de poder. Como um rastro de poeira, as revoltas árabes se propagaram da Tunísia ao Egito e em seguida ao conjunto do mundo árabe. Nenhum país foi poupado e, apesar das dificuldades, um período sombrio na história da região começou a se dissipar.

Este projeto tem como objetivo identificar os elementos que compõe a conjuntura tecnológica-informacional do Egito, expor teoricamente a evolução da Internet, o que se convencionou chamar de Web e Web 2.0, desenvolver o conceito de

Redes Sociais e Redes Sociais na Internet e a influência das mídias sociais e da cultura digital como catalisadoras do movimento que se notabilizou como a Primavera Árabe, frente ao atual quadro histórico, econômico e social egípcios.

Optou-se pelo caso do Egito e pela utilização das Redes Sociais, primeiramente pela importância de um país que sob um regime ditatorial contou com a força de seu povo mobilizado para derrubar um líder há quase 30 anos no poder. Além disso, pela grande repercussão que a revolução neste país teve pelo mundo, contagiando inúmeros países e incentivando, de certa maneira, muitos povos a irem para as ruas e protestarem por seus direitos. Mas, principalmente, pelo novo elemento que foi a utilização das Redes Sociais como ferramenta de informação, organização e convocação das mobilizações que levaram à revolução e, conseqüentemente, à queda de Mubarak.

Dessa forma, para responder aos objetivos propostos, o trabalho subdivide-se, a partir desta introdução, em três capítulos. Primeiramente no capítulo 1, intitulado “Contexto político e econômico pré 25J”, será feita uma retrospectiva do contexto social, político e econômico do Egito desde a independência do país, em 1952. Através do resgate da situação de crise social e política, serão identificados os atores desta revolução que, em 18 dias, levou à queda de um presidente há 29 anos no poder, de maneira a pontuar os acontecimentos decisivos para o surgimento do 25J.

Baseado no argumento do cientista político norte-americano Curtis R. Ryan sobre padrões e táticas de governo empregadas no Egito republicano, denominados contenção, repressão e desvio externo, este capítulo tenta explicar como estas táticas foram utilizadas pelo regime de Hosni Mubarak, e como o fracasso do governo em estabelecer metas políticas e econômicas em longo prazo causou a erosão da legitimidade do governo durante a década de 90.

Se os primeiros dez anos de Mubarak no poder foram marcados por certa flexibilização política, a década seguinte é palco de uma mudança de estratégia do governo em relação aos opositores, com a contenção dando lugar à repressão. De acordo com o historiador Kashif Mumtaz, os motivos para este novo posicionamento atravessam duas esferas: a política, com a crescente tensão entre o regime e os insurgentes islamistas, e a econômica, após a assinatura em 1991 de acordos com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e com o Banco Mundial (BM) que visavam a execução de programas de estabilização e ajuste estrutural da economia egípcia.

Na década de 2000, o aumento da pobreza, o declínio do poder de consumo e o cenário desanimador do mercado de trabalho, principalmente para os jovens, continuavam a contribuir para o aumento da deterioração social no Egito. No plano político, Mubarak, contou com o apoio dos Estados Unidos para aniquilar simbolicamente a oposição parlamentar. Em 2010, a Irmandade Muçulmana, importante legenda opositora ao regime, se viu expulsa do Parlamento, sem conseguir assegurar nenhuma cadeira.

Em paralelo a essas mudanças, houve uma alteração nas formas de repressão política empregadas pelo regime. Se nos anos 1950 e 60, os militares se encarregavam da repressão interna, e nos anos 1970 e no início da década de 1980, essa função foi transferida do Exército para a polícia, durante o governo Mubarak a repressão a cidadãos no dia a dia era liderada por capangas à paisana, que, segundo o historiador Hazem Kandil, molestavam ou maltratavam gente pacata sem nenhum motivo político, apenas para fins de extorsão. Foi um caso trágico desse fenômeno difuso que acabou por desencadear o levante que integrou o que veio a ser conhecido como a Primavera Árabe egípcia. A morte do alexandrino Khaled Said em junho de 2010, interpelado, torturado e assassinado pela polícia egípcia, levou à criação de um grupo no Facebook denominado “Todos somos Khaled Said”. Em pouco tempo, o grupo se tornou um importante centro de divulgação de fotos e vídeos que evidenciavam a força bruta da polícia egípcia contra uma parcela da população, principalmente os jovens, revoltados com a violação constante dos direitos humanos no país.

Junto à crescente mobilização online de grupos opositores ao regime de Mubarak, a renúncia do presidente tunisiano Zine El Abidine Ben Ali em janeiro de 2011 após uma semana de violentos confrontos inspirou movimentos de jovens ativistas a marcarem um grande encontro de manifestações contra o governo no dia 25 de janeiro de 2011, Dia Nacional da Polícia.

No capítulo 2, intitulado “As redes sociais (analógicas e digitais) no caso egípcio”, será feito em um primeiro instante uma análise da evolução da Web e o surgimento da Web 2.0. De acordo com Henrique Antoun, o projeto inicial da Web 2.0 foi pensado como algo capaz de revolucionar a publicidade, o marketing, os negócios em geral, todos desgastados pela mídia de massas. Antoun diz que, conforme previsto no projeto inicial da Internet, foi possível coordenar a reunião e a dispersão de participantes anônimos de uma ação virtual. Passou a ser possível manter a segurança, o

anonimato, a integridade da comunicação e dos atores de um processo de luta. Nesta nova rede e neste novo cenário digital que surgem as Redes Sociais na Internet, criadas em um novo momento de interação, participação, mas acima de tudo, de organização dos usuários.

Em seguida, é feito um recorte da malha comunicacional do Egito, que passa por um período de forte inserção tecnológica. Segundo Miryam Aouragh e Anna Alexander, pesquisadoras da Universidade de Oxford e Cambridge, respectivamente, o Egito possui 23 milhões de usuários de Internet fixa, e nove milhões de usuários de Internet móvel, pelo telefone celular. No entanto, ao mesmo tempo em que estimulava o crescimento da blogosfera egípcia, o governo de Mubarak fechava o cerco contra usuários e blogueiros contrários ao regime. A greve geral do dia 6 de abril de 2008, iniciada pelos trabalhadores da indústria têxtil da cidade de El-Mahalla El-Kubra, ganhou repercussão após a divulgação em um grupo do Facebook criado pelo engenheiro egípcio Ahmed Maher. Dentro do Facebook, páginas de grupos como o “6 de abril” e o *Kolona Khaled Said* funcionavam como pontos de encontro e instrumentos de mobilização de jovens.

Por fim, é feita uma narrativa dos 18 dias que marcaram a Primavera Árabe egípcia, com especial atenção à cobertura midiática internacional e as relações entre o governo Mubarak e os meios de comunicação locais. O começo dos protestos ficou marcado pelo bloqueio da Internet e das redes de telefonia móvel entre os dias 25 e 27 de janeiro, medida que repercutiu em diversos meios de comunicação estrangeiros e provocou a reação de líderes mundiais. A ação, vista como medida de desespero, aumentou o número de manifestantes presenciais, que transformaram a Praça Tahrir, na capital Cairo, no centro da revolução. O segundo evento marcante foi a Batalha do Camelo, no dia 2 de fevereiro, quando centenas de simpatizantes do governo, armados com espadas, chicotes, pedras e facas, tentaram invadir a Praça e acabar com as manifestações. Se o governo de Mubarak era condenado pela opinião pública internacional, em um âmbito interno a situação não era diferente. Jornais egípcios que tradicionalmente serviam como porta-voz do regime começaram a mudar de lado, compartilhando e amplificando o discurso da revolta popular contra o governo. Entre suspeitas de um golpe militar e a subida do vice Suleiman ao poder, Hosni Mubarak realizou seu último discurso como presidente egípcio no dia 10 de fevereiro. No dia seguinte, o vice Omar Suleiman anunciou a renúncia de Mubarak.

No capítulo 3, tenta-se analisar a influência das mídias sociais e da cultura digital como catalisadoras do movimento iniciado com os protestos do dia 25 de janeiro. Qual foi o verdadeiro impacto das mídias sociais nas mobilizações? Deve-se isolar a nova mídia como protagonista da revolução ou a presença da Internet é um sinal de mudança na arquitetura da mídia?

O debate sobre o papel das mídias sociais na Primavera Árabe egípcia envolve dois polos extremos. Enquanto entusiastas da Internet como Clay Shirky, Philip Howard e Muzammil Hussain garantem que as mídias sociais tiveram um papel central na moldagem dos debates políticos dentro da Primavera Árabe, vozes dissonantes como Sean Aday e Henry Farrell dizem que a evidência para estas afirmações é baseada em uma análise superficial dos acontecimentos. Pesquisadores e estudiosos dão atenção especial ao conteúdo produzido e compartilhado pelas novas mídias durante a Primavera Árabe, mas ativistas como Wael Ghonin e Ahmed Saleh, dois dos principais organizadores do 25J, buscam minimizar o papel das redes sociais nos levantes contra Mubarak, afirmando que a revolução iria acontecer de qualquer forma. No final deste capítulo, realiza-se uma análise sobre os eventos consequentes à queda de Mubarak, no período onde o governo foi controlado pela Corte Suprema das Forças Armadas e a eleição de Mohammed Morsi, ex-líder da Irmandade Muçulmana e primeiro presidente democraticamente eleito do Egito. No entanto, dois anos depois, a euforia pela saída de Mubarak deu lugar à desilusão, e as divergências políticas do Egito continuam a inspirar a violência por apoiantes e opositores do atual governo.

Na conclusão, esta monografia pretende versar sobre a influência e importância das mídias sociais para a organização do 25J. Sem desmerecer o uso das redes sociais para organização, documentação e divulgação das manifestações, busca-se uma análise mais cuidadosa e específica, expondo os argumentos utilizados por céticos e ciberentusiastas sobre o papel das novas mídias na Primavera Árabe egípcia.

## **1. CONTEXTO POLÍTICO E ECONÔMICO PRÉ-25J**

Neste primeiro capítulo, será feita uma retrospectiva do contexto social, político e econômico do Egito desde a independência do país, em 1952. Através do resgate da situação de crise social e política, serão identificados os atores desta revolução que, em 18 dias, levou à queda de um presidente há 29 anos no poder, de maneira a pontuar os acontecimentos decisivos para o surgimento do 25J.

### **1.1 Perspectiva geopolítica do governo Mubarak**

Para uma análise contextualizada sobre a hipótese das redes sociais virtuais terem funcionado como catalisadoras do fim do regime de Hosni Mubarak, faz-se necessário em um primeiro momento, apresentar uma breve perspectiva geopolítica do governo Mubarak desde seu início, em 1981, até sua queda, três décadas depois. Que fatores políticos e econômicos influenciaram e incentivaram a ida de milhões de egípcios para as ruas e ajudaram a delinear o contexto da queda do presidente? Em que medida as manifestações foram fatores determinantes para que um presidente no poder há quase três décadas caísse em apenas três semanas?

Dada a instabilidade política que caracteriza a maioria dos regimes de países do Oriente Médio, o fato do Egito ter presenciado poucas mudanças no gabinete presidencial desde o fim do reinado do Rei Farouk em 1952 não deixa de ser intrigante. Desde o começo da década de 50, o Egito manteve essencialmente a mesma estrutura de Estado, com apenas duas mudanças de chefe executivo. Vale ressaltar que estas transferências de poder pré-Mubarak não vieram como consequências de golpe de Estado ou revolução. Gamal Abdel Nasser, primeiro presidente da República do Egito e figura marcante da história recente do mundo árabe, sofreu um ataque do coração em 28 de setembro de 1970. Seu sucessor foi Anwar El Sadat, que promoveu a aproximação do país com o Ocidente, mais especificamente com os Estados Unidos, e foi vítima de um atentado em Praça pública no dia 6 de outubro de 1981. Oito dias depois da morte de Sadat, Hosni Mubarak, eleito vice-presidente em 1975, herdaria o posto que só largaria três décadas depois.

Ao assumir o cargo no apagar (trágico) das luzes do governo de Sadat, Mubarak deu continuidade à ideologia de liberalismo político. Ele não só continuou com a política multipartidária de seu antecessor como a elevou a outro nível. As primeiras eleições parlamentares, realizadas pelo governo em 1984, “foram as primeiras da



história do país a serem conduzidas de acordo com o sistema de representação eleitoral” (McDERMOTT apud BLAYDES, 2008; 8). A representação da oposição no parlamento chegou à porcentagem recorde de 20 pontos após as eleições parlamentares de 1987. Em paralelo, milhares de associações não governamentais foram criadas, e os sindicatos ganhavam cada vez mais espaço no cenário político para debates e contestações.

Além disso, outras condutas evidenciaram certa flexibilização: além de libertar presos políticos, Mubarak permitiu uma maior liberdade de expressão da imprensa nacional para críticas e protestos. Estas estratégias, aliadas à decisão do regime de não usar a força bruta (ao menos de forma evidente) contra seus oponentes, foram vistas como uma tentativa de ceder espaço político.

Um relatório realizado no início dos anos 90 pela Agência Norte-Americana para Desenvolvimento Internacional resumia a situação:

O governo de Mubarak claramente prefere usar a tática da repressão de maneira esparsa, de forma pontual, regional e limitada. As ações indicam que o governo está comprometido com o processo de reforma política, tendo como aliado importantes atores sociais. O estilo de governo, em claro contraste com os de seus predecessores, é construído com base no consentimento. (RICHARDS & BAKER, 1992; 36)

Porém, pouco tempo depois, o otimismo foi substituído pela deterioração dos padrões construídos na década anterior. Jason Brownlee, Ph.D em Política pela Universidade de Princeton, identificou alguns fatores que ajudaram a promover o declínio do pluralismo político no Egito sob o comando de Mubarak:

Apoiando-se em decretos extraordinários, o uso extensivo de tribunais militares e à ampla disseminação das forças de segurança, Mubarak mudou o curso do Egito e começou a apertar cada vez mais o cerco. Partidos de oposição, atividade Islamista, organizações civis e imprensa eram algumas das vítimas do ditador. A cada vez mais cara e insistente campanha militar contra os Islamistas providenciou o pretexto para uma nova filosofia de repressão. O garrote de Mubarak apertava a todos, inclusive oposições políticas com histórico recente de não-violência. Quando membros da Irmandade Muçulmana – formalmente vista como fora-da-lei mas permitida a se organizar sem representação política formal - ganharam a maioria das eleições para sindicatos de importantes organizações civis como médicos, engenheiros e advogados, a legislação foi alterada a fim de limitar o poder sindical e colocá-lo sob júdice do governo. Em 1995, o regime mandou mais de 50 membros da Irmandade para juris militares, e deteve milhares sem nenhum tipo de acusação formal. (BROWNLEE, 2002; 2)

Em um artigo publicado em 2001, o cientista político norte-americano Curtis R. Ryan identificou padrões consistentes nas táticas de governo empregadas por Nasser, Sadat e Mubarak. Ryan agrupou estas estratégias sob os conceitos de contenção (ações voltadas para o controle, absorvendo ou desviando pressões feitas sobre o poder executivo), repressão (ações que envolvem coerção e o uso da força contra os opositores do governo) e desvio externo (ações que visam chamar a atenção do público para problemas não resolvidos na economia e na sociedade).

Ryan afirma que tanto a estabilidade quanto a sobrevivência do governo de Mubarak foram atingidas através de estratégias de curto prazo, e não pelo sucesso no desenvolvimento de um planejamento de longo prazo, o que prejudicou a implementação de planos de longo prazo para o desenvolvimento socioeconômico do país:

A estabilidade e a sobrevivência dos governos no Egito vêm sido conquistadas mais por estratégias de curto prazo do que pelo pensamento de um sucesso em longo termo baseado no desenvolvimento e no planejamento. As implicações destas estratégias são importantes não só para entender a política governamental no Egito, mas também para compreender o efeito limitador destas estratégias de sobrevivência na construção de planos ambiciosos de desenvolvimento e mudança. Com a falta de instituições bem desenvolvidas para colocar em práticas seus planos para transformações econômicas e sociais, os líderes focam em estratégias mais urgentes: a própria sobrevivência política. (RYAN, 2001; 2)

Neste momento, observa-se uma mudança de estratégia do governo Mubarak em relação aos opositores: a contenção transforma-se em repressão. Quais seriam os principais motivos para este novo posicionamento, que substitui uma postura conciliatória pela ação opressora? A resposta atravessa duas esferas. Primeiramente, de 1990 a 1997, o Egito presenciou uma crescente tensão entre o governo e os insurgentes islamistas. O regime de Mubarak agia com força total contra revolucionários de grupos como *Jihad* e *Al-Jama'a al-Islamiya*, capturando e matando milhares de islamistas. A ofensiva, no entanto, não tinha como alvo só os revolucionários: islamistas moderados, com pouca participação política, também eram coagidos. A investida do governo funcionava como uma desculpa para aumentar ainda mais a repressão contra uma parcela cada vez maior da população. Essa repressão sufocava cada vez mais as liberdades civis, revertendo o programa de liberação iniciado nos anos 80.

O segundo motivo é de origem econômica. Em 1991, o governo assinou acordos com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e com o Banco Mundial (BM) que visavam à execução de programas de estabilização e ajuste estrutural da economia egípcia. Estas reformas tinham como principais objetivos o aumento da produtividade e competitividade com base na desregulamentação, incluindo a liberalização progressiva do comércio exterior e a privatização do setor público de empresas. No entanto, ao menos ao curto prazo, os decretos poderiam ameaçar o padrão de qualidade de vida de uma grande parcela da sociedade egípcia. A repressão, então, era a opção ideal para lidar com os segmentos da sociedade cujos interesses eram ameaçados pelas reformas econômicas.

Para o historiador Kashif Mumtaz, o aspecto mais significativo destas reformas econômicas foi o impacto no contrato social estabelecido entre a população e o governo:

À medida que a pressão por reformas econômicas aumentava, o regime de Mubarak iniciou uma série de medidas políticas (começando em 1991) que mudou o *status quo* econômico do país. Buscando um crescimento sustentável, essas políticas buscavam reduzir o papel do Estado na economia por meio de reformas incluindo a privatização e a abertura do mercado. A adoção de princípios econômicos baseados no mercado e o aumento da integração global da economia egípcia eram as outras prioridades destas reformas. O aspecto mais significativo destas reformas foram as mudanças que elas exerceram no contrato social. **[As reformas], tomadas sob a batuta do FMI e do Banco Mundial, se concentraram mais na macroeconomia e nas reformas financeiras do que nos problemas sociais e estruturais. Com isso, as condições de vida de milhões de egípcios sem muitos recursos pioraram ainda mais.** (MUNTAZ, 2012;6)

Segundo Muntaz, a última década do regime de Mubarak foi caracterizada pela prática de “um passo para frente, dois para trás” no quesito liberação política (MUNTAZ, 2012;7). Sofrendo pressão dos Estados Unidos, antigo aliado do país, Mubarak convocou em 2000 novas eleições parlamentares, que foram consideradas históricas: foram as primeiras a terem total supervisão judicial.

O ponto alto deste episódio de abertura política foram eleições que contaram com a presença de vários candidatos e realizadas em setembro de 2005 após a aprovação de uma emenda pela Assembleia do Povo e confirmada por um referendo nacional. Apesar da emenda não corresponder à vontade do povo em ver um novo líder no poder, ela introduziu um elemento de verdadeira competição política na corrida presidencial. O novo sistema, considerado um grande avanço em relação ao processo

anterior, indireto, deu nova força a Mubarak, que ganhou 88% dos votos. O sistema anterior tinha como base um modelo indireto, onde um candidato era nomeado e confirmado pela Assembleia Popular (controlada pelo Partido Democrata Nacional, situação) e então aprovado em um referendo nacional no estilo "sim" ou "não". Com os quatro últimos referendos sem um competidor, o resultado era previsível: Mubarak recebia mais de 90% de votos "sim". O processo era visto doméstico e internacionalmente como ilegítimo.

A esperança criada pelas eleições de setembro de 2005 encontrou eco nas eleições parlamentares realizadas dois meses depois. A pressão norte-americana por reformas políticas e o reforço do papel do poder judiciário em supervisionar as eleições fizeram com que muitos membros da oposição percebessem uma oportunidade de concorrer ao governo.

Outro fator importante para a mudança no ambiente político local foi o movimento *kifaya*<sup>1</sup>, que ajudou a estender o poder da liberdade de expressão dentro do país. Como esperado, o Partido Nacional Democrata conquistou uma grande parte do parlamento (311 lugares em comparação aos 388 assegurados cinco anos antes), mas viu o crescimento exponencial da Irmandade Muçulmana, que conseguiu 88 vagas. A vitória da IM foi considerada a maior demonstração de força da oposição em mais de cinquenta anos.

No entanto, as esperanças pelo surgimento de um cenário político mais democrático e livre sofreram um forte baque. Alarmados com o crescimento da Irmandade Muçulmana, os Estados Unidos (que estavam sofrendo consecutivas derrotas no Iraque) abandonaram a insistência para a democratização do Egito e de outros países do Oriente Médio. Com isso, Mubarak, agora com o apoio simbólico de seu maior aliado internacional, poderia aniquilar a oposição. No final de 2005, Ayman Nour, principal rival de Mubarak nas eleições, foi acusado de fraude, e recebeu uma pena de cinco anos de prisão. A onda de repressão contra a Irmandade Muçulmana continuou durante toda a década de 2000. Com este cenário, o Egito chegou às eleições parlamentares de 2010, que foram realizadas em novembro do mesmo ano sob

---

<sup>1</sup> Movimento egípcio de 2004. Seu nome significa “basta” no idioma árabe. Nele, embora várias pessoas divergissem sobre muitos assuntos, uma parcela da população posicionou-se contra a permanência de Mubarak no poder. Este movimento permitiu que pessoas pudessem perceber que outras pessoas também se sentiam insatisfeitas com o governo, mas, mais importante, que muitos sabiam que outros achavam que a vida estava ruim.

circunstâncias repressivas e duvidosas. O partido nacional democrata conquistou 83% dos assentos no parlamento, ganhando 420 assentos, 90 a mais (ou um aumento de 21%) em relação às últimas eleições. O aspecto mais surpreendente do resultado foi o esgotamento da Irmandade Muçulmana no Parlamento, que não conseguiu assegurar nenhuma cadeira<sup>2</sup>.

De acordo com Mumtaz, as eleições de 2010 escancararam as intenções políticas de Mubarak:

As eleições de 2010 removeram qualquer dúvida sobre as verdadeiras intenções do regime de Mubarak. Vista pela opinião pública como a culminação das políticas do regime, (as eleições) deixaram claro que, sob o domínio de Mubarak, nenhum pleito iria criar um ambiente de competição política genuína. [...] Como o Parlamento é o único fator determinante para o candidato às eleições para presidente em 2011, a composição sem oposição (do parlamento) criaria o palco perfeito para a sucessão hereditária do cargo. O aspecto mais assustador das eleições foi que elas convenceram o povo egípcio de que uma mudança política nunca iria acontecer por meios convencionais. Cada vez mais, a única opção restante era a de uma mobilização pública maciça para clamar o espaço político que legitimamente lhes pertencia. (MUMTAZ, 2011; 9-10)

## 1.2 O despertar da Primavera

Ao longo dos últimos anos, uma rebelião estava fermentando sob a superfície. Filmes, romances e canções eram permeados pelo tema da revolta contra o governo: ele estava cada vez mais disseminado no imaginário da população. Dois processos foram determinantes para fazer com que uma parcela cada vez mais significativa de egípcios sentisse que já não poderia seguir sob o comando de Mubarak.

Primeiro houve o que pode ser chamado de uma dissolução do contrato social que regulava as relações entre Estado e sociedade desde o golpe de Nasser nos anos 50.

O contrato implicava em um acordo subentendido: o regime oferecia ensino gratuito, emprego num setor público em expansão, assistência médica a preços acessíveis, habitação barata e outras formas de proteção social em troca de obediência. Podia-se ter acesso - ou ao menos aspirar - a esses benefícios desde que as diretrizes internas e externas não fossem questionadas e o poder político não fosse contestado. (KANDIL, 2011;156)

Durante a última década, foi observada uma redução nas medidas de bem-estar social, com cortes de gastos públicos em serviços sociais. O investimento público em

---

<sup>2</sup> Disponível em <http://www.guardian.co.uk/world/2010/nov/29/egyptian-opposition-alleges-election-fraud>. Acessado em 23 de dezembro de 2012.

educação sofreu uma drástica queda, de 19,5% em 2002 para 11,5% em 2006. (PACIELLO, 2008). E a educação não foi o único setor afetado.

Apesar dos gastos com a saúde pública terem passado de 1,2% em 2001-02 para 3,6% em 2008-09, a parcela ainda permaneceu baixa em relação a outros países com PIB similar. A maior (parcela) foi direcionada para o pagamento de salários, que não era suficiente para garantir uma boa qualidade de vida para os trabalhadores do setor da saúde. Considerando que a população egípcia aumentou nos últimos anos, o investimento per capita na saúde pública sofreu um declínio na última década. A crise financeira piorou ainda mais a situação, com cortes e demissões na saúde pública. (PACIELLO, 2011;17)

Três aspectos contribuíram para a deterioração social: o aumento da pobreza, o declínio do poder de consumo e o cenário desanimador do mercado de trabalho, principalmente para os jovens. De acordo com estimativas da Unicef de 2010, “o número de pessoas vivendo em pobreza absoluta no Egito chegou a 23,4% em 2008-09, um aumento em relação ao índice de 19,6% em 2004-05” (PACIELLO, 2011; 11). No período de 2000 a 2005, “todas as medições de pobreza absoluta aumentaram, com a incidência de pobreza aumentando de 16,7 para 19,6%” (PACIELLO, 2011; 11). Em 2008-09 o número de pobres chegou a 16, 3 milhões de pessoas, quase três milhões a mais do que constatado em 2005.

O fenômeno do aumento da pobreza na última década acarretou em um evidente declínio do poder de consumo da população. Em agosto de 2008, a inflação da libra egípcia chegou a 23,6%, afetando os preços de produtos básicos para o dia a dia da população egípcia:

Os preços da farinha de trigo e arroz aumentaram em mais de 100%. Óleos vegetais tiveram seus preços aumentados em 70%. O aumento do preço do pão levou a “*food riots*” em 2008, causando 11 mortes. No final de 2010, apesar do aumento não ter sido tão severo quanto o de dois anos antes, o preço dos vegetais dobrou, enquanto a carne e o frango inflacionaram em 30%. (PACIELLO, 2011; 12)

Um terceiro aspecto negativo das reformas econômicas foi o encolhimento do mercado de trabalho formal, evidenciando que as políticas econômicas adotadas pelo regime de Mubarak tiveram pouco impacto na criação de empregos, sobretudo dos formais. A maioria dos empregos surgiu no setor informal, que aumentou de 57% em 1998 para 61% em 2006. (RYAN, 2001; 13). Com salários mais baixos e sem garantias básicas de planos de saúde e direitos trabalhistas, uma parcela crescente da população empregada estava submetida à instabilidade do setor e ao risco da pobreza. Dentre os

jovens, a situação era parecida. Entre 1998 e 2006, o desemprego entre os universitários de graduação aumentou de 9,7% para 14,4% (RYAN, 2001;14). Apesar dos índices econômicos cada vez mais alarmantes e a degradação da qualidade de vida da maioria da população, o discurso do governo e de instituições financeiras internacionais pareciam ir na direção contrária. Ironicamente, os números sustentavam o otimismo governista.

Em 2007, o Egito teve um aumento substancial no PIB: 7,1%, subindo para 7,2% no ano seguinte. A crise econômica mundial de 2009 freou o ímpeto egípcio, mas taxa de crescimento de 4,7% foi considerada notável. Além disso, outros indicadores macroeconômicos melhoraram, como o aumento da taxa de exportações e investimentos estrangeiros diretos. Na verdade, o Egito era uma das economias que mais cresciam no Oriente Médio, e seu desempenho levou o FMI a elogiá-lo como uma história de sucesso emergente. (PACIELLO, 2011; 18)

No partido do governo, o Partido Democrático Nacional (PDN), uma facção agrupada em torno de Gamal Mubarak, filho do presidente, procurava ganhar espaço político por meio de um novo órgão denominado Comitê de Diretrizes, composto por dois segmentos.

Um deles era formado por capitalistas com histórico de corrupção, nutridos pelo Estado, que detinham controle monopólico sobre os principais setores lucrativos da economia. O outro era constituído por intelectuais neoliberais, particularmente economistas que tinham vínculos com instituições financeiras internacionais. Em 2004, o ministério de empresários do primeiro-ministro Ahmed Nazif indicou pela primeira vez que aquele grupo efetivamente se apossara do governo. Capitalistas monopólicos assumiram pastas de grande interesse para seus ramos de atividade. Mohamed Mansour, um dos maiores revendedores de automóveis do Egito, tornou-se ministro dos Transportes. Um magnata da indústria turística, Zoheir Garraneh, tornou-se ministro do Turismo. O ministro dos Investimentos, Mahmoud Mohieddin, acabou por se tornar diretor administrativo do Banco Mundial em 2010. O ministro da Economia, Youssef Boutros-Ghali, era economista sênior do FMI e permaneceu ligado à instituição ao presidir o Comitê Monetário e Financeiro Internacional, o principal órgão consultivo do Conselho Diretor do FMI para planejamento de políticas. O resultado foi uma combinação de espoliação por parte dos capitalistas privilegiados e de extorsivas imposições neoliberais à população. O processo orçamentário foi reorganizado, serviços públicos foram privatizados, e um novo regime fiscal foi adotado. (KANDIL, 2011; 17)

Em 2005, as taxas tributárias sobre rendimentos de pessoas jurídicas foram cortadas pela metade, de 40% para 20%, enquanto os impostos que recaíam sobre a

massa da população foram. Isso ocorreu de maneira mais clamorosa na tributação sobre imóveis. Em 2010, “muitos egípcios sem nenhuma posse além do teto sobre a cabeça, vivendo de aposentadorias ou pensões de menos de cinquenta dólares por mês, viram-se repentinamente em face de exorbitantes tributos sobre seus lares”. (KANDIL, 2011;157).

A consequência foi uma onda crescente de protestos, com demandas e apelos para que o presidente intervisse, que obrigou Mubarak a suspender a nova taxaçoão dois meses antes da data prevista para que ela entrasse em vigor. Por volta de 2010, acreditava-se amplamente que Mubarak não se recandidataria à presidência nas eleições de setembro deste ano, mas repassaria a candidatura a seu filho.

A perspectiva de Gamal no poder, que não mais se afigurava como sucessor indiscutível, mas exercia poder absoluto, incomodava até os setores tradicionais do governo. Gamal buscava uma dissociação da antiga articulação política que mantinha o pai no poder e contava com apoio internacional (EUA inclusive) e tentava estabelecer uma nova estrutura de poder no país, mantendo a linhagem Mubarak sem contar com o apadrinhamento tradicional.

Esta relação, no entanto, piorou com o aumento da "nova guarda" (empresários filiados com Gamal Mubarak) do PDN. Esta nova guarda era guiada por uma ideologia que beneficiava a elite de negócios e restringia o papel do Estado na economia. Isto feria os interesses da velha guarda do PDN, cuja fonte mais importante de poder tinha sido o Estado, incluindo o inflacionado e burocrático setor público. Os principais membros da velha guarda resistiam à influência crescente dos "empresários políticos" que intensamente apoiavam a carreira política de Gamal Mubarak. Os militares se mostravam muito ressentidos com a agenda perfilhada pela nova guarda que acabaria por limitar o poder militar. (ROLL, 2010;17)

Em paralelo a essas mudanças, houve uma alteração nas formas de repressão política empregadas pelo regime. Nos anos 1950 e 60, as pessoas sabiam que correriam mais risco de serem detidas ou torturadas se fossem politicamente organizadas. Os militares se encarregavam da repressão interna, que por um lado era brutal, mas altamente direcionada. Nos anos 1970 e no início da década de 1980, essa função foi transferida do Exército para a polícia. O presidente Sadat, “perseguido uma política de relativa desmilitarização” (RYAN, 2001;9), utilizou auxiliares à paisana para serviços vinculados à repressão.



O principal instrumento de coerção para Sadat não era o Exército, mas a polícia e o aparato de inteligência. A sombra da repressão arbitrária não era tão ameaçadora como no governo de Nasser, mas os períodos de grande turbulência civil em 1977 e no começo da década de 80 são exemplos notáveis do uso de uma repressão intensa. Nestes períodos, a administração de Sadat poderia ser tão truculenta quanto a de Nasser. Isto ficou claro após a promulgação em 1981 da "lei da vergonha", um código de conduta que poderia ser utilizado contra qualquer pessoa que ofendesse os chamados valores nacionais. (RYAN, 2001;10).

A repressão passou a ser mais indiscriminada, mas ainda era exercida no âmbito de uma estrutura discernível e dentro de certos limites. Os que a comandavam eram coronéis ou capitães, pessoas com nomes, postos e rostos que de algum modo assumiam responsabilidade pelas decisões que tomavam, e para cair nas mãos delas ainda era preciso ter algum tipo de envolvimento político.

Nos anos 1990, o regime parecia estar tão confiante de que não enfrentava nenhuma contestação que tratava as críticas na imprensa, na televisão e posteriormente na Internet como trivialidades inofensivas. Essa também era a atitude assumida pela polícia: a repressão a cidadãos no dia a dia era banal demais para ser executada por agentes uniformizados. Por que policiais despenderiam tempo e energia intimidando alguns estudantes, dirigentes sindicais com pouca expressão ou ativistas de causas vistas como inofensivas pelo governo?

A partir dos anos 1990, porém, o recurso à contratação temporária desses capangas, presentes na folha de pagamento, mas não nos quadros oficiais da polícia, tornou-se a norma, e com isso a repressão se tornou bem mais aleatória. Eles com frequência molestavam ou maltratavam gente pacata sem nenhum motivo político, apenas para fins de extorsão. (KANDIL, 2011;12)

Foi um caso trágico desse fenômeno difuso que acabou por desencadear o levante que integrou o que veio a ser conhecido como a Primavera Árabe egípcia. A faísca para o movimento foi a morte de Khaled Said, egípcio de 29 anos, proveniente da cidade costeira de Alexandria. Em 6 de junho de 2010, Khaled foi interpelado por dois auxiliares de polícia na saída de um cibercafé, e foi brutalmente agredido. Segundo diversas testemunhas, Khaled foi levado para um prédio residencial, onde teria sido assassinado.

Segundo a polícia, que se recusou a investigar a morte a fundo, Khaled era suspeito de porte de drogas, e antes que pudessem revistá-lo, ele cometeu suicídio. Fotos dele logo estavam por toda parte na Internet. Dois dias depois, um grupo no

Facebook denominado “Todos somos Khaled Said” (*We are all Khaled Said*, em inglês), foi criado. A página prestava uma homenagem ao alexandrino, um símbolo para muitos egípcios que sonhavam em ver seu país livre da brutalidade, tortura e abuso de poder das forças policiais. Em pouco mais de dois meses, mais de 100 mil pessoas haviam aderido ao grupo.

A figura por trás do “Todos somos Khaled Said” era um egípcio chamado Wael Ghonim, diretor de marketing do Google no Oriente Médio. Em seu livro *Revolution 2.0: The Power of the People is Greater Than the People in Power*, lançado em 2012, Ghonim explica as motivações para a criação do grupo.

No dia 8 de junho estava em meu Facebook quando vi uma imagem chocante que um amigo meu havia postado. A imagem estava linkada ao perfil do Dr. Ayman Nour, ex-candidato à presidência do Egito e ativista político. Era uma foto horripilante que mostrava a cara destorcida de um homem de 20 e poucos anos. Por trás de sua cabeça, encostada num pedaço de mármore, uma enorme poça de sangue. Sua face estava extremamente desfigurada e ensanguentada; seu lábio inferior havia sido cortado ao meio, e sua mandíbula estava claramente deslocada. A imagem era tão chocante que eu cheguei a pensar se aquele homem era vítima da linha de frente de alguma guerra. Porém, ao acessar a página do Dr. Nour, descobri que Khaled Mohamed Said aparentemente tinha sido espancado até a morte em Alexandria no dia 6 de junho por membros da polícia secreta do Egito. Me senti frustrado e indignado. Isso era o resultado de uma situação política que permitia uma repressão sufocante. Alguns membros da polícia foram transformados em monstros que eram imunes a qualquer punição e incentivados a cometer atrocidades.

Segundo Ghonim, a morte de Khaled não poderia passar em branco. Para o ativista, alguma coisa deveria ser feita para evidenciar a força bruta e injusta da polícia egípcia contra uma parcela da população, principalmente os jovens, cada vez mais revoltados com a violação constante dos direitos humanos no país.

Eu não podia ficar passivo diante de tamanha injustiça. Era a hora de mostrar para todos as práticas corruptas do governo. Olhando para foto de Khaled após sua morte, basicamente, eu apenas senti que todos nós deveríamos “ser” Khaled Said. Esse foi o sentimento. Não era apenas o nome de uma pessoa. Foi uma sensação. Todos nós éramos este jovem egípcio, que poderia morrer, e ninguém seria responsabilizado. Então, no momento, eu pensei, “Eu tenho que fazer alguma coisa”. E eu acreditava que, tornando público estaria fazendo alguma coisa de útil. (GHONIN, 2012; 7)

Ghonin confessa que uma página em homenagem ao jovem assassinado já existia no Facebook, mas que, segundo ele, “a linguagem utilizada pelos donos da

página era muito agressiva e não ajudaria a colocar a causa sob os holofotes” (GHONIN, 2012; 17). O programador resolveu então criar outra página para disseminar seu sentimento de revolta e desapontamento com o acontecido. O primeiro post foi simples: “Hoje eles mataram Khaled. Se eu não atuar em sua causa, amanhã eles irão me matar”. Em dois minutos, 300 membros haviam aderido à página. No primeiro dia, o grupo já tinha 36 mil pessoas.

O ativista, ao perceber que o caráter panfletário utilizado por outros grupos inibia a disseminação de uma mensagem, utilizou em seu discurso uma linguagem adequada e conseguiu acessar um público que compreendeu a mensagem tal como ele buscou trazê-la. O processo de inserção feito por Ghonin remete à noção de ato criativo trabalhado por Clay Shirky. O teórico norte-americano argumenta que até o ato criativo mais banal possível como a criação de *lolcats* (imagens compostas de gatos e legendas) traz uma mensagem subliminar de ativismo e compartilhamento dentro da cultura participativa da Internet:

Qualquer pessoa que veja um *lolcat* recebe uma segunda mensagem correlacionada: Você também pode brincar disso. [...] Por menos que o mundo precise do próximo *lolcat*, a mensagem “Você também pode brincar disto” é algo diferente do que estávamos acostumados a fazer no panorama da mídia. O ato criativo mais estúpido possível ainda é um ato criativo. Grande parte da objeção a *lolcats* concentra-se no quanto são estúpidos; mesmo um *lolcat* engraçado não acrescenta muito. No espectro do trabalho criativo, a diferença entre o medíocre e o bom é ampla. A mediocridade, porém, ainda faz parte do espectro; você pode ir do medíocre ao bom por incrementos. A grande distância está entre não fazer nada e fazer alguma coisa, e alguém fazendo *lolcats* atravessou essa distância. O simples ato de criar algo com outras pessoas em mente e então compartilhá-lo com elas representa, no mínimo, um eco de um antigo modelo de cultura participativa, mas agora em roupagem tecnológica. (SHIRKY, 2011; 22-23)

Durante os seis meses que separaram a morte de Khaled Said e a convocação geral da população para a Praça Tahrir, no centro da capital Cairo, o grupo online exerceu um papel importante como plataforma aberta de manifestações de grupos ou pessoas preocupados e temerosos com o futuro do Egito. Segundo Ghonin, a razão para o sucesso espontâneo da página foi a disseminação de imagens do jovem assassinado:

Outros crimes similares aconteceram no passado, de maneira frequente, mas eles não haviam sido conhecidos e espalhados de forma tão eficaz. A documentação visual da terrível morte de Khaled foi o fator catalizador da ação espontânea de tantas pessoas diferentes. A imagem era impossível de esquecer, e, graças às mídias sociais, ela estava se proliferando como um vírus mortal (GHONIN, 2012; 10)

Em paralelo à crescente mobilização online de grupos opositores ao regime de Mubarak, um acontecimento em um país próximo foi crucial para os eventos seguintes. Mohamed Bouazizi, vinte e seis anos de idade, era um vendedor ambulante da província de Sidi Bouzid, a duzentos quilômetros de Tunis, capital da Tunísia. No dia 17 de dezembro de 2010, o vendedor teve sua mercadoria confiscada pela polícia. Ao negar o pagamento de propina para que pudesse comercializar sua mercadoria, Bouazizi foi agredido. Revoltado, o jovem se dirigiu à delegacia local para prestar uma queixa formal. Após ser ignorado, Bouazizi acabou tomando uma atitude drástica: imolou-se, ateando fogo às roupas encharcadas de petróleo.

No dia seguinte, os amigos do jovem mercador realizaram um protesto em frente à prefeitura, e foram reprimidos pela polícia. As imagens da manifestação foram rapidamente compartilhadas no Facebook. As semanas seguintes foram palco de crescentes protestos e enfrentamentos. Os protestos espalharam-se por outras cidades e chegaram à capital, Túnis, onde mil pessoas reuniram-se do lado de fora dos escritórios da União Geral dos Trabalhadores e entraram em confronto com a polícia. O presidente Zine El Abidine Ben Ali visitou as famílias dos dois jovens mortos nos protestos. Ele também foi ver Bouazizi na ala de queimaduras graves de um hospital de Túnis. Bouazizi acabou morrendo no dia 4 de janeiro.

Temendo o surgimento e a consequente repercussão de novos protestos, o governo decidiu bloquear diversos sites. Em seu discurso televisionado, o presidente advertiu que a agitação poderia afetar o turismo, um pilar central da economia em um país tido como um refúgio tranquilo em uma região turbulenta. A oposição contra-atacou, dizendo que o regime de Ben Ali estava se tornando cada vez mais corrupto e insensível às queixas populares. Um telegrama de 2008 da embaixada dos EUA em Túnis, divulgado pelo WikiLeaks, descreveu a família Ben Ali como uma "quase-máfia":

Segundo o relatório anual da Transparência Internacional e observações de contatos da embaixada norte-americana em Túnis, a corrupção na Tunísia está cada vez pior. Os agregados da grande família do presidente Ben Ali são frequentemente acusados de corrupção. Aparentemente metade da comunidade empresarial da Tunísia pode reivindicar uma conexão de Ben Ali por laços matrimoniais. Mansões opulentas, iates, jatinhos e outras demonstrações de riqueza contrastam com o crescente desemprego

entre os jovens e a repressão contra opositores de um regime que já dura 22 anos.<sup>3</sup>

Após uma semana de violentos confrontos, que deixaram 11 pessoas mortas, Ben Ali foi obrigado a renunciar e forçado a deixar o país no dia 14 de janeiro de 2011. O ex-presidente foi condenado à prisão perpétua por um tribunal militar de seu país, por crimes ocorridos durante a repressão aos manifestantes. Como esperado, a queda de Ben Ali foi colocada em plano menor pelos líderes do regime egípcio, que descartavam qualquer possibilidade de mobilização popular.

No dia 16 de janeiro, o ministro de relações exteriores Ahmed Aboul-Gheit classificou a possibilidade do Egito seguir o exemplo da Tunísia como “ridícula”. Segundo o ministro, as pessoas precisam deixar de sonhar, e que se cobrir de óleo não vai levar a nada. Para Aboul-Gheit, a onda de agitação está sendo causada por veículos de mídia estrangeira, que querem a qualquer custo espalhar o medo no Egito e no restante das sociedades árabes. (GHONIM, 2012;60)

Apesar disso, o povo egípcio, mirando-se no exemplo da Tunísia e rompendo a barreira do medo que se impunha há uma geração ocupou as ruas demandando liberdade política, o fim da corrupção e melhor qualidade de vida para a população empobrecida. Sem usar nenhuma mídia vinculada ao estado, manifestantes liderados pelo Movimento 6 de abril e Todos somos Khaled Said mandaram a mensagem para centenas de milhares de pessoas e “sequestraram” o feriado do 25 de janeiro, dia da polícia nacional, como momento inicial dos protestos. A Praça Tahrir, no centro de Cairo, tornou-se o núcleo de uma revolução que, após 18 dias, culminou na queda de Hosni Mubarak.

---

<sup>3</sup> TRISTAM, Pierre. Wikileaks Cable: Tunisian Corruption and President Zine el-Abidine Ben Ali. Disponível em <http://middleeast.about.com/od/tunisia/a/tunisia-corruption-wikileaks.html>. Acessado em 23 de dezembro de 2012

## 2. AS REDES SOCIAIS (ANALÓGICAS E DIGITAIS) NO CASO EGÍPCIO

Um recorte da malha comunicacional do Egito, que passa por um período de forte inserção tecnológica, mostra como se deu a presença de Redes Sociais e Redes Sociais virtuais no que se conceituou chamar de a evolução da Web e o surgimento da Web 2.0 e leva a uma narrativa dos 18 dias que marcaram a Primavera Árabe egípcia, com especial atenção à cobertura midiática internacional e as relações entre o governo Mubarak e os meios de comunicação locais.

### 2.1 Web 2.0 e mobilização

Para compreendermos o papel desempenhado pelas redes sociais na Primavera Árabe egípcia, vamos resgatar o surgimento da Web 2.0. A Web 2.0 tem como grande diferencial a participação ativa do usuário, ou seja, a possibilidade de alguém comum passar a gerir conteúdo. Com isso, o usuário deixa de ser um receptor passivo e torna-se um agente de disseminação de informações através de ferramentas como blogs, chats, fóruns, *microbloggings*, sites de relacionamento, etc. Surge então uma nova forma de comunicação interativa, entre usuários, sistemas e as próprias informações que circulam na rede mundial de computadores.

A evolução da Web possibilita a criação de espaços cada vez mais interativos, nos quais os usuários possam modificar conteúdos e criar novos ambientes hipertextuais, ou seja, com colaboração, interação e participação comunitária de conteúdos disponíveis ou produzindo, classificando ou reformulando estes conteúdos. (BLATTMAN & SILVA, 2007; 192)

A Web 2.0 pode ser considerada uma nova concepção porque, além de ser descentralizada, possui a característica inovadora do sujeito tornar-se um ser ativo e participante sobre a criação, seleção e troca de conteúdo, postando em um determinado site por meio de plataformas abertas. Nesses ambientes, os arquivos ficam disponíveis online, e podem ser acessados em qualquer lugar e momento, ou seja, não existe a necessidade de gravar em um determinado computador os registros de uma produção ou alteração na estrutura de um texto. Com isso, as alterações são realizadas automaticamente na própria web.

Se anteriormente a Web era estruturada por sites que disponibilizavam todo o conteúdo on-line e de forma estática, sem possibilidade de interação, com a mudança

desta nova Web passou a ser possível uma conexão descentralizada, de comunidades de usuários com interesses em comum e com participação ativa dos usuários, consequência de uma plataforma aberta e mais dinâmica. Renato Bressan defende, em linhas gerais, que a Web 2.0 está relacionada a uma segunda geração de serviços. Através de aplicativos da rede e de recursos, tecnologias e conceitos permitem maior interatividade e colaboração na utilização da Internet.

[...] usos espontâneos; contribuições dos usuários; escalabilidade facilitada; descentralização radical; serviço rápido personalizado; serviço massivo de micromercados; programa como um serviço; direito à modificação; participação – tudo isso através de interações que ocorrem em via dupla nas relações usuário-usuário, usuário-dados ou usuário-serviços/linguagens. (BRESSAN, 2008; 5)

Neste sentido, Henrique Antoun nos resgata o que convencionou chamar de movimento Web 2.0, em 2000. Segundo o autor, o blog *Cluetrain Manifest*<sup>4</sup>, por exemplo, era onde publicitários, marqueteiros, empreendedores pensavam a Internet como algo capaz de revolucionar a publicidade, o *marketing*, os negócios em geral, todos desgastados pela mídia de massas. De acordo com estes profissionais, a Internet deveria ser como um blog, ou seja, uma plataforma capaz de transformar o usuário em um produtor e cooperador das empresas, tornando o conhecimento de programação desnecessário. Para eles, nesta nova Web, a publicidade se transformaria e passaria a ser uma honesta recomendação crítica de usuários, que se transformariam em sócios, na medida em que as empresas reconhecessem seu valor e cooperação, garantindo sua livre expressão e participação. Ou seja, “a cooperação, a colaboração, e a livre expressão seriam os instrumentos desta nova web que uniria empresários e usuários através da livre comunicação” (ANTOUN, 2008; 4).

No entanto, esta livre comunicação não serviu apenas aos interesses de pessoas ligadas ao empreendedorismo. Antoun ressalta que essa nova Web também mostrou poderes políticos. Em 2003, o blog “*Move On*”, que se colocava contra a ocupação norte-americana no Iraque, promoveu a primeira manifestação internacional descentralizada de massas, com uma base de manifestações estritamente virtual. Pouco depois, o blog “*Dean for America*” arrecadou 40 milhões de dólares em contribuições para o candidato Howard Dean à indicação ao partido democrata. Para Antoun, naquele determinado momento os blogs conseguiram poder para organizar e noticiar as ideias

---

<sup>4</sup> <http://www.cluetrain.com/>

oriundas dos grupos de discussão da Web. Um outro fato relevante levantado pelo autor como símbolo desta nova configuração virtual é a eleição realizada em 2006 pela revista norte-americana Time, onde o tradicional periódico elege o anônimo “Você” como o homem do ano, destacando a cooperação promovida através da nova Web entre usuários e empresas.

Antoun afirma que os blogs se tornaram a principal ferramenta para se comunicar na Internet após “o cerceamento de sítios e grupos de discussão em rede no processo de radicalização da guerra em Rede e dos movimentos antiglobalização iniciados em Seattle, no início da primeira década dos anos 2000” (ANTOUN, 2008;7). A entrada em cena da Internet na comunicação globalizada fez com que a guerra de informação dos estados e corporações esbarrasse na organização e dinâmica dos grupos de discussão dos movimentos sociais.

Desde o início a Internet permitira aos movimentos e às atividades sociais uma crescente emancipação em face das instituições e das comunidades tradicionais, permitindo que a informal fluidez do movimento social ganhasse força e duração através dos processos interativos da comunicação distribuída em rede. Mas os limites desta expressão será apropriado pelas empresas e estados e voltado violentamente contra esses movimentos a partir do final de 2001. (ANTOUN, 2008; 2)

Assim Antoun conclui que, conforme previsto no projeto inicial da Internet, foi possível coordenar a reunião e a dispersão de participantes anônimos em uma ação virtual, possibilitando segurança, anonimato e a integridade da comunicação. Nesta nova rede e neste novo cenário digital, de interação, participação e organização, surgem as chamadas Redes Sociais na Internet, ou Redes Sociais virtuais, muito mais colaborativa e interativa, possibilitando que os usuários sejam ativos no processo de comunicação.

As mídias sociais têm-se configurado como um novo espaço para estudar como as pessoas se comunicam e como a informação flui neste ambiente comunicacional. Ao contrário de outros modelos de rede social, *blogs* e Twitter não encorajam um compartilhamento recíproco, mas são caracterizados por um comportamento de rápido fluxo informacional. Marlow argumenta que “a informação que circula em blogs é uma curiosa combinação de difusão e contágio, enfatizando uma disseminação de informação de pessoa em pessoa”. Com uma linha de pensamento similar, Kwak



conclui que “a natureza não-recíproca de compartilhamento de informação no Twitter evidencia um desvio das características comuns de uma rede social” (KWAK, 2011;10).

Esse comportamento de compartilhamento de informação vem sendo estudado há décadas tem como base teórica a teoria do fluxo comunicacional em duas etapas (ou modelo dos dois tempos), primeiramente desenvolvida por Paul Lazarsfeld. Esta teoria enfatiza o papel dos formadores de opinião comunitários como construtores da opinião pública em escala micro. Assim, este modelo mostra que a influência dos meios de comunicação é seletiva, dependente de opiniões preexistentes e das relações interpessoais do receptor. As reações variam de indivíduo para indivíduo e a ideia de que a sociedade é representada por uma grande massa homogênea já não existe mais. A eficácia da notícia e seus efeitos agora dependem da credibilidade do comunicador, que tem o poder de sensibilizar os seus receptores, distribuídos em pequenos grupos.

Lazarsfeld determinou que a mídia de massa exercia pouca influência direta no comportamento dos cidadãos, e que o maior foco de influência vinha de outras pessoas com quem eles possuíam uma associação regular. Estes indivíduos eram denominados líderes de opinião. Wu testou a teoria do fluxo comunicacional em duas etapas no Twitter e encontrou fortes indícios de similaridade nos modelos de difusão de informação.

Curiosamente, os resultados são consistentes com a concepção original (da *two step flow*), mas 50 anos depois, enfatizando que, tal como dizia Lazarsfeld, os líderes de opinião estão distribuídos em diferentes grupos sociais e econômicos. A teoria original também enfatizava que os líderes de opinião, tal como seus seguidores, também recebiam ao menos uma parcela da informação pelo modelo de duas fases, mas que em geral (os líderes) eram mais expostos à mídia do que seus seguidores. Este fenômeno também pode ser observado no Twitter. Dado à diferença de tempo entre a criação da teoria (ainda nos anos 40), as mudanças que se sucederam à tecnologia da comunicação e a impossibilidade de um serviço como o Twitter há mais de meio século atrás, é impressionante como a teoria encontra similaridades com o estudo realizado (WU, 2011; 711).

Outra forma de conceituar o fluxo de informação no Twitter é sob o espectro das cascatas de informação, definida por Bikhchandani e Hirshleifer como o comportamento em situações onde “o indivíduo, tendo observado as ações de outros à sua frente, acompanha o comportamento do indivíduo anterior sem levar em conta a sua própria informação” (BIKHCHANDANI & HIRSHLEIFER, 1992; 944). No Twitter, as cascatas de informação são facilmente ampliadas pela prática comum do

*retweet*, quando o usuário responde a um determinado conteúdo dando a referência da fonte deste conteúdo, e pelos *hashtags*, que facilitam o acompanhamento de um determinado conteúdo. Por fim, os *trending topics* destacam os conteúdos que possuem um maior crescimento exponencial momentâneo, isto é, atingem o maior volume durante determinado período. Assim, se vários usuários de repente começarem a falar sobre o Egito, o termo "Egito" torna-se visível para todos os usuários por meio deste recurso.

Escritor e pesquisador da NYU, Universidade de Nova York, Clay Shirky busca entender o papel organizacional da Internet, além de seus efeitos sociais e econômicos. Em seu livro “Lá vem todo mundo: o poder de se organizar sem organizações”, o pensador discute as formas na qual a ação de um grupo contribui mais para um objetivo do que ações individuais agregadas.

Shirky argumenta que a disseminação de blogs, ferramentas de bate-papo e redes como o Facebook, além da difusão da telefonia móvel, aumentou incrivelmente as possibilidades de conexão entre indivíduos antes isolados. Esses indivíduos, conectados de maneira descentralizada, são capazes de se organizar espontaneamente, sem o apoio de organizações (governos, empresas e instituições religiosas ou laicas).

Erguidos em torno de interesses comuns, os grupos formados por essas pessoas têm o poder de realizar atividades impensáveis para organizações altamente hierarquizadas. O autor apresenta três conceitos básicos. O primeiro é o compartilhamento, uma espécie de "colaboração com iniciativa", onde os efeitos sociais são agregados após um fato, com as compartilhando *links*, sites de interesses em comum. Este tipo de compartilhamento é inverso a chamada velha ordem do compartilhamento, onde os participantes primeiro se reuniam para depois compartilhar.

O segundo conceito é a sincronização, ou seja, a habilidade das pessoas de compartilhar suas opiniões umas com as outras. O último conceito é a união dos dois outros. A colaboração, objetivo final, é quando um grupo é formado sob o propósito de um esforço em comum, após a sincronização das ideias e o compartilhamento dos diferentes pontos de vista. Em entrevista ao Estado de São Paulo, Shirky diz que a cultura digital influencia cada vez mais mudanças no cenário político de diversos países.

Uma das coisas que vemos no cenário político, principalmente no Oriente Médio, é uma mudança na paisagem da mídia que permite que as pessoas pressionem seus governos e, no caso de Tunísia e Egito, derrubar os líderes e iniciar uma revolução. Quando a revolução começou, todo mundo já estava pronto. A coordenação estava tão

afiada entre os manifestantes que, durante a preparação para dia 25 de janeiro, as mensagens e instruções para os protestos foram enviadas à centenas de milhares de pessoas sem o uso de nenhuma mídia vinculada ao estado. A habilidade de coordenar ações em massa é uma marca dessas novas ferramentas.<sup>5</sup>

## 2.2 Internet e redes no Egito

Com uma população estimada em 83 milhões de habitantes<sup>6</sup> e 52% dos habitantes com menos de 25 anos<sup>7</sup>, o Egito passou por uma revolução tecnológica durante a segunda metade da década de 2000. A taxa de penetração da Internet no país passou de menos de 1% em 2000, para 5% em 2004 e chegando a 24% em 2009, colocando o país em 110º (em um total de 203 países), um pouco à frente de seus vizinhos Líbano (24%) e Síria (20%)<sup>8</sup>.

A revolução da tecnologia da informação no Egito vem sendo sem precedentes em alcance e forma. Trinta milhões de egípcios, em sua maior parte jovens, têm acesso à Internet. Isso mostra a força do país como uma das potências em tecnologia da informação no Oriente Médio. Esta arrancada foi possível devido ao investimento do governo nesta área econômica para atrair grandes investidores multinacionais como Oracle e SAB para estabelecer um mercado forte e competitivo. Em junho de 2009, existiam 3211 companhias de IT sob o comando de uma nova geração que se tornou anos depois a linha de frente da revolução contra Mubarak. (BAKR, 2012; 59-60).

Segundo Miryam Aouragh e Anna Alexander, pesquisadoras da Universidade de Oxford e Cambridge, respectivamente, o Egito possui “23 milhões de usuários de Internet fixa, e nove milhões de usuários de Internet móvel, pelo telefone celular”. (AOURAGH & ALEXANDER, 2011;4). De acordo com dados do Ministério das Comunicações egípcio, “aproximadamente 80% das residências possuem no mínimo um telefone celular, e 30% das residências possuem acesso à Internet” (AOURAGH & ALEXANDER, 2011;4).

Ao mesmo tempo em que estimulava o crescimento da blogosfera egípcia, o governo de Mubarak fechava o cerco contra usuários e blogueiros contrários ao regime. Em fevereiro de 2007, o blogueiro Abdel Kareem Nabil Suleiman Amer (conhecido pelo codinome Kareem Amer) foi sentenciado a quatro anos de prisão por incitar o ódio ao Islã e insultar o presidente em *posts* de seu *blog*. Em agosto de 2008, outro blogueiro,

<sup>5</sup> Disponível em <http://blogs.estadao.com.br/link/video-entrevista-com-clay-shirky/>. Acessado em 19 de dezembro de 2012

<sup>6</sup> Dados do Banco Mundial

<sup>7</sup> Idem

<sup>8</sup> Dados da International Telecommunications Union (ITU)

Mohamed Refaat, foi acusado de "ofender as instituições do estado, desestabilizar a segurança pública e incitar terceiros a promover manifestações e greves"<sup>9</sup>.

A vigilância chegou aos cybercafés, fonte de Internet de mais de um quarto da população egípcia na época.<sup>10</sup> Em 2005, a prática de coleta de dados dos usuários, como nome, email e telefone, foi autorizada pelo Ministério do Interior. Em 2008, as autoridades egípcias foram acusadas de filtrar o acesso dos usuários, forçando os donos dos estabelecimentos a coletar informações pessoais dos clientes antes que esses entrassem na Internet<sup>11</sup>.

O uso do Facebook também foi visto pelo governo egípcio como uma possível ameaça. A greve geral do dia 6 de abril de 2008, iniciada pelos trabalhadores da indústria têxtil da cidade de El-Mahalla El-Kubra, ganhou repercussão após a divulgação em um grupo do Facebook criado pelo engenheiro egípcio Ahmed Maher. Após começar com 300 membros, o grupo tinha “três mil pessoas em um dia, e, em poucas semanas, 70 mil pessoas haviam se juntado em apoio aos trabalhadores de Mahalla”<sup>12</sup>. Apesar de ter sido preso pelo governo em outras situações, Maher seguiu como um dos principais ativistas egípcios, e desempenhou um papel fundamental para a organização do dia 25 de janeiro. O Facebook ganhou ainda mais visibilidade e popularidade no Egito após o lançamento da versão árabe da página em março de 2009. O número de usuários “mais do que triplicou em dois anos, chegando a cinco milhões em fevereiro de 2011”. (AOURAGH & ALEXANDER, 2011;4)

Para Ahmed Saleh, um dos administradores da página Todos nós somos Wael Ghonim, a Internet funcionava como um espaço aberto que levava a juventude egípcia além do mundo moldado pelos aparatos de repressão e controle do regime de Mubarak.

Os jovens no Egito pré-revolução viviam duas vidas, uma online e outra *offline*. Na vida *offline* o acesso à informação era limitado, e a liberdade de discurso era sufocada. Por décadas, a lei de emergência estipulava que cinco pessoas não poderiam se reunir em um mesmo espaço físico se estivessem ali por motivos políticos. A Internet oferece um ambiente democrático que politiza a juventude, e permite com que ela crie a consciência de que um novo futuro, moldado por ela, é possível. O anonimato e o sabor de liberdade de expressão dão

<sup>9</sup> Disponível em [http://opennet.net/sites/opennet.net/files/ONI\\_Egypt\\_2009.pdf](http://opennet.net/sites/opennet.net/files/ONI_Egypt_2009.pdf). Acessado em 13 de janeiro de 2013

<sup>10</sup> Disponível em [http://www.itp.net/517740-nearly-one-million-egyptian-households-have-broadband#.UPNEC\\_I0iSo](http://www.itp.net/517740-nearly-one-million-egyptian-households-have-broadband#.UPNEC_I0iSo). Acessado em 13 de janeiro de 2013

<sup>11</sup> Disponível em [http://afp.google.com/article/ALEqM5hN\\_tktRSmeojLOOn65IVULB4lj8A](http://afp.google.com/article/ALEqM5hN_tktRSmeojLOOn65IVULB4lj8A). Acessado em 13 de janeiro de 2013

<sup>12</sup> Disponível em <http://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/revolution-in-cairo/inside-april6-movement/>. Acessado em 13 de janeiro de 2013

ao jovem uma visão ampliada, que não fica limitada ao discurso oficial do governo. (SALEH apud EMON, 2011)

Segundo Nadine Wahab, outra administradora da página, a percepção da existência de um mundo real no online ficou mais evidente.

[...]A integração da Internet ao dia a dia das pessoas com a popularização dos smartphones facilitou esta transição entre as vidas online e *offline*. Como o governo egípcio fez o “mundo real” ser tão contra a liberdade de expressão e a Internet estava disponível por um *tweet*, um *update* de Facebook ou uma postagem em um *blog*, este “mundo virtual” se tornou o espaço para expôr seus pensamentos. (WAHAB apud EMON & LUST, 2011)

Com o começo dos protestos em diversas cidades, o governo bloqueou o Twitter e o Facebook entre os dias 25 e 26 de janeiro. No dia seguinte, a maioria dos provedores de acesso à Internet foi desconectada após as autoridades desligarem o DNS (*domain name system*) oficial do país. Em questão de minutos, o tráfego interno e externo de Internet no Egito despencou de forma abrupta, como visto na figura 1.



Figura 1<sup>13</sup>

Os cinco principais provedores de Internet e telefonia móvel do país, Telecom Egypt, Vodafone/Raya, Link Egypt, Etisalat Misr, e Internet Egypt, “foram desconectados em apenas treze minutos, resultando em um bloqueio de 93% da rede egípcia em algumas horas”.<sup>14</sup> A única exceção foi um provedor controlado pela empresa egípcia Noor Group. As 83 linhas de servidor do Noor funcionaram sem problemas até o dia 31, segunda-feira. Mas por que uma empresa que detém apenas 8% do mercado ganhou uma sobrevida de quase cinco dias em relação aos outros provedores? De

<sup>13</sup> Disponível em [http://www.huffingtonpost.com/2011/01/28/this-is-what-egypts-cutoff-from-the-net-looks-like\\_n\\_815335.html](http://www.huffingtonpost.com/2011/01/28/this-is-what-egypts-cutoff-from-the-net-looks-like_n_815335.html). Acessado em 13 de janeiro de 2013

<sup>14</sup> Disponível em <http://www.renesys.com/blog/2011/01/egypt-leaves-the-Internet.shtml>. Acessado em 13 de janeiro de 2013

acordo com o Le Monde<sup>15</sup>, entre os clientes que utilizam os provedores da Noor estão multinacionais como Exxon, Coca-Cola, e Egypt Air.

Segundo Bianca Bosker, do Huffington Post, “a Noor é utilizada por órgãos chave para a economia egípcia, como a bolsa de valores, o Banco Nacional e a Casa da Moeda, e poderia ter recebido uma dispensa especial do governo para ficar online e preservar algumas partes da infraestrutura financeira do país”<sup>16</sup>.

A notícia repercutiu rapidamente, gerando reações de líderes internacionais. No dia 28, Obama, em pronunciamento na Casa Branca, solicitou que "o governo egípcio revertisse a intervenção ao acesso à Internet, aos serviços de celular e as redes sociais, considerados cruciais para manter as pessoas conectadas no século XXI".<sup>17</sup> No entanto, o bloqueio à Internet poderia afetar muito mais do que apenas a comunicação entre as pessoas.

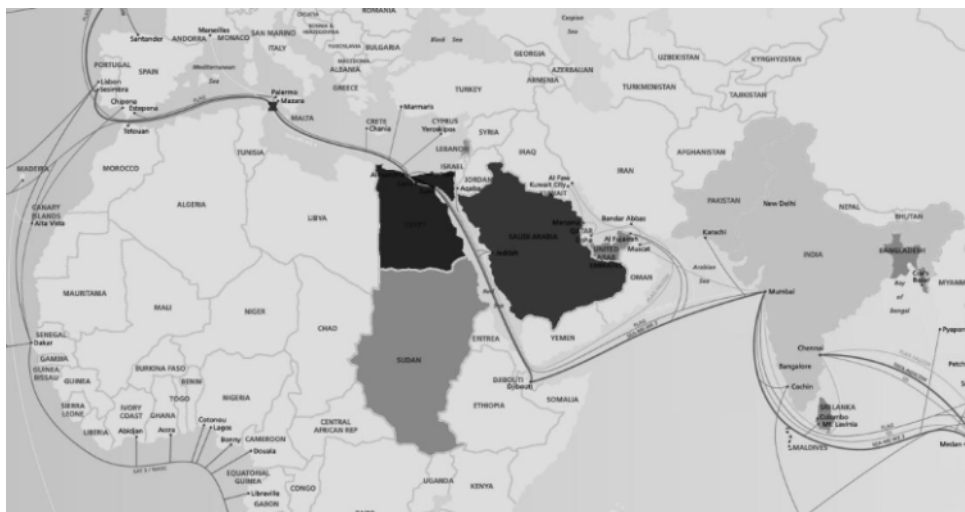


Figura 2<sup>18</sup>

A figura 2 mostra as consequências de uma ruptura de um cabo óptico submarino perto da ilha de Malta, ocorrida em 2008. Sem conexão no Egito (mancha mais negra no mapa), que funciona como um Canal de Suez virtual, a maioria dos países do Golfo

<sup>15</sup> Disponível em [http://www.lemonde.fr/proche-orient/article/2011/01/30/egypte-le-fai-noor-disparait-a-son-tour-des-ecrans\\_1472781\\_3218.html](http://www.lemonde.fr/proche-orient/article/2011/01/30/egypte-le-fai-noor-disparait-a-son-tour-des-ecrans_1472781_3218.html). Acessado em 15 de janeiro de 2013

<sup>16</sup> Disponível em [http://www.huffingtonpost.com/2011/01/31/egypt-Internet-noor-group\\_n\\_816214.html](http://www.huffingtonpost.com/2011/01/31/egypt-Internet-noor-group_n_816214.html). Acessado em 15 de janeiro de 2013

<sup>17</sup> Disponível em <http://www.whitehouse.gov/the-press-office/2011/01/28/remarks-president-situation-egypt>. Acessado em 15 de janeiro de 2013

<sup>18</sup> Disponível em [http://www.renesys.com/blog/2008/12/med\\_cable\\_cut2/cable\\_cut2\\_map.png](http://www.renesys.com/blog/2008/12/med_cable_cut2/cable_cut2_map.png). Acessado em 15 de janeiro de 2013

sofreram as consequências da ruptura. Para especialistas, a situação poderia se repetir com o bloqueio à Internet egípcia.

A maioria da conectividade de Internet entre a Europa e a Ásia passa pelo Egito. Os países do Golfo, em particular, precisam do corredor egípcio de fibra óptica para manter-se conectados com os mercados mundiais. Negociantes de commodities já estão nervosos com o provável impacto no preço do barril de petróleo caso o Canal de Suez sofra algum imprevisto. Porém, não devemos subestimar os riscos potenciais de uma queda da conexão no Egito, que pode trazer efeitos devastadores para a economia daquela região. (COWIE, 2011)<sup>19</sup>

Um estudo realizado pela Zscaler, empresa privada norte-americana que analisa tráfego na web, evidencia alguns comportamentos da “nuvem de dados” egípcia nos dias que antecederam o bloqueio.

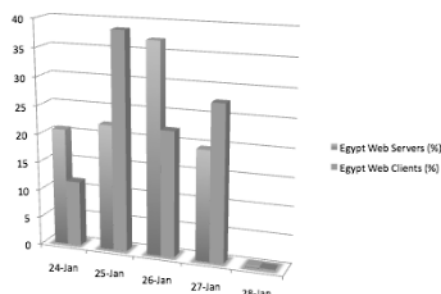


Figura 3<sup>20</sup>

De acordo com a figura 3, o aumento de transações nos servidores de Internet no Egito aumentou quase 70% no dia 26 de janeiro. Segundo a Zscaler, o pico mais visível foi observado em sites pertencentes às categorias mídia e notícias, dado o aumento do uso de fontes de notícias egípcias para obter informações sobre os protestos.

Três dias após o bloqueio da Internet, engenheiros da Google, Twitter e SayNow, anunciaram um serviço denominado Speak To Tweet. Em seu *blog* oficial, a Google disse que o objetivo deste serviço era manter os manifestantes egípcios conectados durante o bloqueio.

Durante o final de semana nós criamos a ideia de um serviço chamado *Speak to tweet*, onde qualquer um poderia *twittar* usando uma conexão de voz. Agora, ao deixar uma mensagem de voz em três números internacionais (+16504194196, +390662207294 ou +97316199855), o nosso serviço transforma sua mensagem em um *tweet* com a *hashtag*

<sup>19</sup> Disponível em <http://www.renesys.com/blog/2011/01/egypt-leaves-the-Internet.shtml>. Acessado em 15 de janeiro de 2013

<sup>20</sup> Disponível em <http://research.zscaler.com/2011/01/egypt-now-just-gyped.html>. Acessado em 15 de janeiro de 2013

#egito. Não é preciso ter uma conexão de Internet. As pessoas podem ouvir as mensagens discando os mesmo números de telefone. Nós esperamos que nossa invenção ajude de alguma forma as pessoas no Egito a ficarem conectadas neste momento difícil.<sup>21</sup>

O bloqueio prejudicou os ativistas na coordenação de protestos e na divulgação de vídeos e imagens pela Internet, mas não pareceu afetar a mobilização em si. A ação do governo promoveu dois efeitos distintos: enfureceu os que já possuíam uma postura ativa anti-Mubarak e forçou àqueles que baseavam seu ativismo em plataformas online a sair às ruas, aumentando o número de manifestantes presenciais. De acordo com ativistas, a postura do governo deixou transparecer um sinal de que o regime se sentia verdadeiramente ameaçado.

Nos isolar do resto do mundo e de nós mesmos não desmantelou a revolução. Pelo contrário, removeu distrações e nos deu uma missão única para cumprir. O bloqueio foi visto como uma medida desesperada, que só poderia ser tomada por um regime temeroso. Isso nos fortaleceu. Perder a Internet para o governo nos ofereceu um lembrete de como ela foi importante no começo dos protestos, mas agora a força do povo estava nas ruas. (ABU-SAMRA apud AOURAGH & ALEXANDER, 2011; 1350)

O que nós chamamos de rede social não é uma rede social de verdade, e sim ferramentas sociais. Twitter e Facebook não são a rede social, nós somos. Nós possuímos relações pessoas com cada um. E, como prova disso, quando as ferramentas sociais nos foram tiradas, bloqueadas, ou censuradas, nós seguimos operando. Nós somos a rede social. Nós usamos as ferramentas disponíveis, quaisquer que sejam. Elas podem ser ferramentas de Internet, linhas telefônicas, papel, etc. Desligar a Internet não desliga a rede social, porque se trata de pessoas, e não tecnologia. (GHARBEIA apud AOURAGH & ALEXANDER, 2011; 1350)

Após cinco dias de bloqueio, o governo egípcio reestabeleceu a conexão nos principais provedores do país. Segundo a jornalista francesa Marie Bénilde, a estratégia egípcia revelou-se rapidamente inadequada à situação.

O regime tentou abafar a Internet da mesma forma que se livrou de testemunhas inconvenientes ao manter em cativeiro os jornalistas que cobriam as manifestações. Uma nova estratégia, mais ajustada aos aparatos modernos de telecomunicação, foi então desenvolvida. Em vez de fecharem a torneira digital e censurarem sem discernimento as mensagens dos opositores, as autoridades egípcias tomaram a iniciativa de também usar as novas tecnologias a seu favor. Assim, as

---

<sup>21</sup> Disponível em <http://googleblog.blogspot.com.br/2011/01/some-weekend-work-that-will-hopefully.html>. Acessado em 15 de janeiro de 2013



forças armadas obrigaram as operadoras de telefonia móvel associadas ao Estado (Mobinil, filial da France Télécom e da Vodafone) a difundir mensagens de texto que apelavam para a delação ou divulgavam informações sobre hora e lugar das manifestações de apoio a Mubarak. (BÉNILDE, 2011; 37)

O governo buscava formas de repressão mais sofisticadas. A página em homenagem à Khaled Said foi alvo de ataques online.

Quando a Internet foi retomada no Egito eu entrei em contato com Nadine Wahab nos Estados Unidos, que me deu acesso como administrador da página. Era um momento delicado. Todos estariam sedentos para checar o que a nossa página estava falando sobre a repressão e censura. Na hora pensei, “não quero esta responsabilidade para mim”. Quando fiquei online, descobri que a página havia ganhado 40 mil membros. O aparato de segurança do governo deve ter tido acesso à página durante o bloqueio e instalado robôs para lotar nosso grupo de *spams*. A tática já havia sido utilizada em momentos anteriores, mas dessa vez foi pior. Um ataque massivo direcionado para mim, que era o administrador anônimo da página. Fui acusado de ser um espião responsável por controlar as pessoas e levar o Egito ao caos. Eu publicava um *post*, e logo em seguida recebia milhares de comentários agressivos e contra nosso trabalho.<sup>22</sup>

Dentro do Facebook, páginas de grupos como o “6 de abril” e o *Kolona Khaled Said*, bem como páginas de indivíduos influentes (como Mohamed al-Baradei, Aida Seif al-Dawla, ou Hossam el-Hamalawy), não funcionavam apenas como pontos de encontro e instrumentos de mobilização de jovens, mas também como fonte de grande parte de e-mails, SMS, *tweets* e *posts* compartilhados no próprio Facebook.

O Facebook possuía ferramentas que facilitavam a interação, permitindo com que indivíduos buscassem respostas para questões que seriam difíceis de serem feitas em um mundo *offline*. Ter um perfil no Facebook se tornou algo praticamente obrigatório. O Egito ganhou mais de 600 mil novos usuários de Facebook durante janeiro e fevereiro de 2011. No dia 2 de fevereiro, quando a Internet foi ligada novamente, 100 mil usuários se juntaram a este espaço virtual. O Facebook tornou-se o site mais acessado em todo o país, seguido por YouTube e Google. (AOURAGH & ALEXANDER, 2011; 1348)

---

<sup>22</sup> Disponível em [http://www.bostonreview.net/BR36.6/khaled\\_said\\_facebook\\_egypt\\_revolution.php](http://www.bostonreview.net/BR36.6/khaled_said_facebook_egypt_revolution.php). Acessado em 15 de janeiro de 2013

### 2.3 Quem é quem na Praça Tahrir

Quais eram as forças por trás da mobilização? Em que medida elas estavam coordenadas entre si? De acordo com o sociólogo egípcio Hazem Kandil, seis grupos propulsionaram o movimento. Dois se baseavam em redes do Facebook. O primeiro e mais famoso era o grupo “Todos somos Khaled Said”, cujo papel na eclosão dos movimentos do dia 25 de janeiro foi apresentado no capítulo anterior. O segundo era o “Movimento Jovem 6 de Abril” (*April 6 Youth Movement*), que surgiu para dar apoio a uma greve geral convocada para essa data em 2008. Em um primeiro momento, a população não respondeu ao pedido. Apenas uma das pequenas cidades industriais da região do Delta do Rio Nilo atendeu à convocação, e ali os trabalhadores foram brutalmente reprimidos. No ano seguinte, Mohammed Adel e Waleed Rashed, organizadores do movimento criaram uma página<sup>23</sup> no Facebook com a identidade “Movimento Jovem 6 de Abril” e pediram a todos que naquele dia ficassem em casa, em vez de se concentrarem nas ruas. Em 2010 o grupo já tinha cerca de 70 mil membros (hoje conta com mais de 400 mil). O grupo “6 de abril” é mais antigo que o “Todos somos Khaled Said” e possuía um perfil mais político, combinando posicionamentos trabalhistas e liberais. Embora uma manifestação em massa fosse contrária à sua estratégia de greve “fique em casa”, o movimento decidiu juntar forças com a proposta de “Todos somos Khaled Said” para a mobilização de janeiro de 2011.

Um terceiro grupo importante foi a congregação formada por membros da ala jovem da Irmandade Muçulmana, que surgira três anos antes. Na Irmandade, o setor reformista vinha tentando mudar as posições e as estratégias tradicionais do movimento. Sua meta era a formação de um partido político independente, com organização e líderes próprios, com ligações remotas ao movimento cultural da Irmandade Muçulmana. A campanha desses reformistas se intensificou após a circulação das notícias de que o avanço do movimento nas eleições parlamentares de 2005, nas quais seus membros conquistaram 88 assentos (20% do total do parlamento), fizera parte de um plano do Serviço de Segurança do Estado para dissuadir os Estados Unidos de pressionar Mubarak pela democratização do país.

Os reformistas sofreram um forte revés em 2010, quando um conservador da velha guarda chamado Mohammed Badie foi eleito guia supremo da organização, e não atendeu aos pedidos de grupos opositores seculares para que ela se juntasse a eles no boicote às

---

<sup>23</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/shabab6april>. Acessado em 06 de dezembro de 2012

eleições parlamentares fraudulentas promovidas pelo regime. Contrariada com a decisão, a ala jovem da organização desacatou abertamente o conselho diretivo da Irmandade, exortou os reformistas a deixá-la e a constituir um partido político de qualquer jeito. Quando foi emitida a convocação para uma manifestação no dia 25 de janeiro, o grupo decidiu então integrá-la. (KANDIL, 2011; 160)

Um quarto grupo era composto de representantes daquilo que se poderia chamar de uma “nova esquerda” no Egito. Esta organização era formada, sobretudo, por esquerdistas jovens, cujas relações com os líderes originais do movimento comunista não eram diferentes daquelas da ala jovem da Irmandade com seu conselho diretivo. A justificativa deles era a de que a islamização representaria a maior ameaça ao Egito e o comprometimento com o secularismo os vinculava ao segmento dominante, *supostamente* liberal. Por isso consentiram em atuar conforme os ditames do regime, o que lhes permitia escrever e discursar, mas os impedia de construir uma base autêntica no âmbito da classe operária. Há cerca de cinco anos, o grupo vêm tentando desenvolver uma força política e ideológica própria, criando, entre outras coisas, um periódico digital chamado *Al-Bousla* (A Bússola, em árabe) para agrupar os segmentos mais ativos da esquerda egípcia, intelectuais urbanos, muitos deles professores, historiadores, cientistas políticos ou sociólogos.

Um quinto grupo se reuniu em torno de Mohamed El-Baradei, Nobel da Paz e ex-chefe da Agência Internacional de Energia Atômica, que voltou para o Egito em 2010 e anunciou que seria candidato a presidente se a Constituição fosse alterada de modo a possibilitar eleições livres.

Comenta-se que Baradei teve um desentendimento com Mubarak, pois como embaixador ele foi a certa altura o candidato oficial do Egito ao posto diretivo da Agência, mas na última hora o presidente o preteriu por outro candidato. Mesmo assim Baradei foi eleito e depois disso se manteve distante do regime, muito embora Mubarak tivesse de tratá-lo com respeito em razão de seu prestígio internacional. Ao voltar para o Cairo, ele atraiu jovens privados de direitos civis em torno de uma demanda por reformas que não tinham contornos bem definidos. Foi criado um grupo denominado Associação Nacional pela Mudança, uma miscelânea cujo espectro ia de liberais e de islamitas progressistas a esquerdistas, alguns filiados a partidos políticos, em particular a Frente Democrática, e muitos deles independentes. (KANDIL, 2011; 7)

Em entrevista concedida ao jornal inglês *The Guardian* no dia 18 de janeiro, ElBaradei comentou a relação que os recentes acontecimentos na Tunísia poderiam trazer no panorama político do Egito.

O que aconteceu na Tunísia não deve ser visto como surpreendente. Tudo o que se sucedeu deve servir de lição para a elite política do Egito. A supressão não garante estabilidade, e qualquer um que pensa que a existência de regimes autoritários é a melhor forma para manter a calma está se iludindo. O Egito está suplicando por mudanças econômicas e sociais, e, caso não aconteçam melhorias drásticas, uma revolução como ocorrida na Tunísia será inevitável.<sup>24</sup>

Por fim, havia um sexto grupo constituído por uma conjunção de ativistas pró- direitos humanos que militavam em organizações egípcias ou internacionais, como a Anistia Internacional. Era um agrupamento muito eclético, composto de jovens reunidos “tão somente pelo fato de que não haviam encontrado nenhuma organização política capaz de mobilizá-los para contestar o regime mais diretamente”. (KANDIL, 2011; 160) A identificação dos grupos dava-se por meio da linguagem digital.

Para Kandil, o “sentimento de desilusão com o governo, mesmo que em diferentes níveis e contextos, era comum nesses seis grupos”. (KANDIL, 2011; 160). Por trás dessa desilusão, estava a dupla deterioração cada vez mais evidente: de um lado, a exploração econômico-financeira, de outro, a perseguição e a repressão arbitrárias.

A conjunção destes fatores foram tornando cada vez mais insuportáveis as vidas de egípcios comuns, que nada tinham a ver com política. Beneficiando-se das tecnologias de comunicação contemporâneas, os movimentos egípcios conseguiram reunir um número histórico de manifestantes anti-Mubarak nas ruas do país.

## 2.4 O 25J na mídia

Inspirados pela derrocada de Ben Ali na Tunísia, grupos de ativistas egípcios continuavam a se organizar para os protestos do dia 25 de janeiro<sup>25</sup>. Folhetos estavam sendo distribuídos nas ruas, e a mobilização online era cada vez maior. Um dos maiores desafios era driblar o forte aparato de segurança e inteligência da polícia. Em entrevista, Ahmed Maher, um dos fundadores do “Movimento 6 de Abril”, contou alguns detalhes sobre a preparação para o 25J.

15 dias antes do começo dos protestos eu estabeleci uma espécie de sala de operações, onde todos se reuniam diariamente para analisar dados e informações coletadas e estudar quais mecanismos poderiam ser utilizados para driblar o cerco das forças de segurança, que até então eram bastante eficientes em anular demonstrações e protestos anti-Mubarak. Dois dias antes dos protestos, nós implementamos um

<sup>24</sup> Disponível em <http://www.guardian.co.uk/world/2011/jan/18/mohamed-elbaradei-tunisia-egypt>. Acessado em 17 de janeiro de 2013

<sup>25</sup> A partir deste momento, o 25 de Janeiro passará a ser identificado como 25J

novos modos de operação, com ativistas separados em pequenos grupos e se reunindo em lugares públicos para incitar protestos. Apenas o líder de cada grupo sabia a localização exata do protesto que iria liderar. Com isso, conseguimos reunir pequenos grupos de manifestantes, que iriam ser guiados por esses líderes para o ponto de encontro principal.<sup>26</sup>

Para Ahmed Saler, também fundador do “6 de abril”, as dificuldades de fazer um protesto com a amplitude do esperado no dia 25 não passava apenas pela repressão policial: o medo era o pior inimigo.

Nós fazemos isso (protestos) há um tempo. Não é fácil criar um sentimento de união. Sempre quando achávamos que ia dar certo, o número de pessoas que compareciam aos protestos era de poucos milhares. Se você pergunta a qualquer egípcio, “Você está feliz com este regime?” a resposta possivelmente será negativa, já que todos sofrem e reclamam da situação. Mas, se você perguntasse se as pessoas iriam a um protesto ou manifestação para reivindicar mudança, todos iriam achar que você estava ficando louco.<sup>27</sup>

Se por um lado a mobilização anti-Mubarak estava cada vez mais consolidada e o 25J se tornava cada vez mais realidade, uma breve análise da mídia impressa egípcia um dia antes dos protestos mostra que, de forma intencional ou não, a maioria dos jornais controlados pelo governo minimizaram os protestos e manifestações que iriam acontecer no Dia Nacional da Polícia.

Um dia antes da revolução, Mubarak iniciou cedo as celebrações do 59º dia da polícia nacional egípcia, que seria comemorado no dia seguinte. O presidente prestou uma homenagem a policiais mortos no passado, colocando flores em seus túmulos. A sensação era de que nem Mubarak nem as forças policiais pareciam se importar com os protestos que iriam resultar na queda dos dois; Mubarak pela opressão de décadas e a polícia pela brutalidade e tortura de milhares de egípcios em delegacias espalhadas pelo país. Em seu último discurso antes do início da revolução, que contou com a cobertura dos principais jornais, Mubarak preferiu focar sua fala na busca dos “terroristas” que provocaram o atentado na igreja dos Dois Santos, em Alexandria, durante o Ano Novo de 2011, que resultou na morte de 21 pessoas.<sup>28</sup>

Partindo de diferentes pontos de Cairo, grupos de manifestantes se reuniram na manhã do dia 25 rumo à Praça Tahrir, localizada no centro da cidade. Uma grande parcela reuniu-se em frente ao prédio da Corte de Justiça, a poucos quilômetros da

<sup>26</sup> Disponível em <http://asharq-e.com/news.asp?section=3&id=24109>. Acessado em 17 de janeiro de 2013

<sup>27</sup> Idem. Acessado em 17 de janeiro de 2013

<sup>28</sup> Disponível em <http://english.ahram.org.eg/NewsContent/1/114/32498/Egypt/-January-Revolution-continues/Then-along-came-the-revolution-What-the-papers-sai.aspx>. Acessado em 17 de janeiro de 2013

Praça. Apesar do forte esquema de segurança, o clima esquentava cada vez mais, e o confronto entre manifestantes e policiais parecia inevitável. Em depoimento para o jornal New York Times, o ativista egípcio Adel Abdel Ghafar relatou o ocorrido.

A atmosfera era diferente. Um senso de confiança crescia entre os manifestantes enquanto nós tentávamos quebrar a barreira humana imposta pela polícia. O olhar dos policiais não nos enganava: eles estavam sendo intimidados de uma forma que nunca haviam sido. Após muita insistência, conseguimos quebrar a barreira de escudos, e agora estávamos em território estrangeiro: uma manifestação descontrolada engolindo as ruas do centro de Cairo. Animados pelos cânticos, pedestres e curiosos se juntavam a nós. Durante 30 anos, o povo egípcio fora condicionado a temer manifestações. Mas agora, tudo parecia ter mudado<sup>29</sup>.

Os protestos não se limitaram à capital. Vinte mil pessoas se reuniram em diversos pontos de Alexandria, duzentas na cidade de Aswan, duas mil em Ismailia, e por volta de três mil na cidade industrial de El-Mahalla El-Kubra. Em Suez, confrontos provocaram a morte de dois manifestantes. Aproximadamente 15 mil pessoas se reuniram na Praça Tahrir. Após um dia inteiro de crescentes manifestações, a polícia tentou acabar com os protestos no começo da madrugada de quarta.

No meio da tarde, grupos haviam chegado à Praça Tahrir, onde foram recebidos por forças de segurança munidas de canhões de água, escudos e bombas de gás lacrimogêneo e efeito moral. Com a chegada da noite, a multidão cresceu exponencialmente. Muitos diziam que planejavam dormir na Praça. No entanto, Durante a madrugada, forças de segurança intensificaram a tentativa de dispersão dos manifestantes.<sup>30</sup>

Ao fim do primeiro dia de manifestações, o Ministério do Interior divulgou uma declaração onde colocava a Irmandade Muçulmana como organizadora dos protestos. A organização negou a acusação, afirmando que não tinha intenções de participar do 25J.<sup>31</sup> Para Hazem Kandil, alguns fatores externos foram de extrema importância para o sucesso do levante popular do dia 25:

Sob Mubarak, as maiores manifestações nunca haviam passado de umas poucas centenas de pessoas. No entanto, com o estímulo da queda da ditadura tunisiana em 14 de janeiro e o apoio de outros grupos oposicionistas com base na Internet, a convocação levou às ruas possivelmente umas 20 mil pessoas. A polícia passou a lançar

<sup>29</sup> Disponível em <http://thelede.blogs.nytimes.com/2012/01/24/the-first-hours-of-egypts-revolution/>. Acessado em 17 de janeiro de 2013

<sup>30</sup> [http://www.nytimes.com/2011/01/26/world/middleeast/26egypt.html?pagewanted=all&\\_r=0](http://www.nytimes.com/2011/01/26/world/middleeast/26egypt.html?pagewanted=all&_r=0). Acessado em 17 de janeiro de 2013

<sup>31</sup> <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/01/201112515334871490.html>. Acessado em 17 de janeiro de 2013

jatos d'água e gás lacrimogêneo contra os manifestantes. Em vez de fazer com que eles parassem, a brutalidade da polícia incitou outro protesto de grandes proporções. (KANDIL,2011;158)

As cenas vistas na Praça Tahrir repercutiram entre líderes mundiais. Em pronunciamento ainda no dia 25, Hillary Clinton, secretária de Estado dos Estados Unidos, garantiu que o governo de Mubarak era “estável”, mas que os Estados Unidos “apoiam à liberdade de expressão do povo egípcio” e que “procura soluções para legitimar as necessidades e interesses da população”.<sup>32</sup>

Em contraste com a extensa cobertura internacional, que reportava a presença de milhares de pessoas nas ruas do país, alguns jornais egípcios minimizaram o ocorrido. O Al-Ahram, principal jornal do Egito e controlado pelo governo, descreveu o 25 de janeiro como um dia de caos, com apenas dezenas de manifestantes presentes na Praça Tahrir<sup>33</sup>. O Al-Jumhurya manteve a tônica, afirmando que os protestos do 25J foram pouco expressivos, com números módicos, de apenas cem pessoas em Cairo, Suez e Alexandria<sup>34</sup>.

A maioria dos jornais denominou o dia 25 de janeiro como “o dia do ódio”. O El-Wafd, importante jornal de oposição, reservou uma longa matéria sobre os protestos, mas não demonstrou muita confiança no sucesso dos levantes, uma vez que grupos importantes como os cooptas e a Irmandade Muçulmana não iriam se juntar aos manifestantes. O Masry El-Youm, principal jornal independente do país, publicou uma matéria contando os detalhes dos protestos do dia seguinte, mas também observou a falta de apoio das principais entidades católicas do Egito nas manifestações. O jornal também trazia uma breve entrevista com Mohamed ElBaradei, que apelava para as forças de segurança não utilizarem violências contra as presentes na Praça Tahrir. (FATHI, 2012)

Os protestos continuaram no dia 26, apesar de alguns órgãos de imprensa internacionais como o New York Times relatarem que, “em contraste com os milhares que marcharam pelas ruas de Cairo na terça, os grupos de hoje eram relativamente menores”.<sup>35</sup> A maior quantidade de confrontos foi observada na cidade de Suez, onde manifestantes atearam fogo em um prédio do governo. 55 pessoas e 15 policiais ficaram feridos.

<sup>32</sup> <http://www.reuters.com/article/2011/01/25/ozatp-egypt-protest-clinton-idAFJ0E700KF20110125>. Acessado em 17 de janeiro de 2013

<sup>33</sup> <http://english.alarabiya.net/articles/2011/02/09/136992.html>. Acessado em 17 de janeiro de 2013

<sup>34</sup> <http://english.alarabiya.net/articles/2011/02/09/136992.html>. Acessado em 17 de janeiro de 2013

<sup>35</sup> [http://www.nytimes.com/2011/01/27/world/middleeast/27egypt.html?pagewanted=all&\\_r=0](http://www.nytimes.com/2011/01/27/world/middleeast/27egypt.html?pagewanted=all&_r=0). Acessado em 18 de janeiro de 2013

Os protestos não foram muito numerosos no dia 27 de janeiro, em parte devido às preparações para os eventos de larga escala que seriam realizados no dia seguinte, sexta-feira. Após não declarar apoio aos manifestantes em um primeiro momento, a Irmandade Muçulmana disse querer participar do movimento. Por meio de Mohammed Mursi, que depois viria a ser eleito presidente, a Irmandade disse que "em nenhum momento pensou em liderar o movimento, mas nós queremos fazer parte desta onda".<sup>36</sup> De acordo com o New York Times, o apoio da Irmandade Muçulmana "poderia muito bem mudar o cálculo nas ruas, aumentando os números em favor dos manifestantes, dando nova força para as manifestações e ainda pondo em perigo o reinado de quase três décadas do presidente Hosni Mubarak".<sup>37</sup>

O dia 27 foi marcado pela chegada ao Egito de Mohamed ElBaradei, Nobel da Paz em 2005 e líder da Associação Nacional pela Mudança, (National Association for Change), grupo fundado em fevereiro de 2010 e formado por egípcios de variadas afiliações políticas e religiões, incluindo representantes da sociedade civil, que buscam mudanças na legislação do Egito e o fim do Estado de Emergência, em vigor desde 1967. Em sua chegada, ElBaradei falou sobre a situação atual do país, e garantiu que não poderia ser uma figura ausente dos protestos.

Este é um período crítico na história do Egito, e eu voltei para participar com meus companheiros egípcios. O direito de protestar pacificamente é um direito para qualquer ser humano. Eu esperava não ter que presenciar milhares de pessoas nas ruas tentando fazer o regime abrir os olhos para a situação calamitosa de nosso país, mas é inevitável. As pessoas quebraram a barreira do medo. Não há mais volta. Se as pessoas, especialmente os jovens, querem me ver como líder desta transição, não posso decepcioná-las. Minha prioridade é acompanhar o surgimento pacífico de um novo regime, um novo Egito.<sup>38</sup>

Dezenas de milhares de pessoas encheram as ruas por todo o Egito na sexta, 28 de janeiro, no que ficou conhecido como "Sexta da raiva" ou "Dia do ódio". Em uma tentativa de boicotar os protestos, o governo bloqueou serviços de Internet, telefonia celular e mensagens de texto. Pouco após as orações de sexta, milhares de manifestantes se reuniram, número que aumentou para centenas de milhares horas depois, segundo

<sup>36</sup> <http://www.foxnews.com/world/2011/01/27/egypts-protests-pose-threat-regime/>. Acessado em 18 de janeiro de 2013

<sup>37</sup> [http://www.nytimes.com/2011/01/28/world/middleeast/28alexandria.html?\\_r=1](http://www.nytimes.com/2011/01/28/world/middleeast/28alexandria.html?_r=1). Acessado em 18 de janeiro de 2013

<sup>38</sup> <http://www.egyptindependent.com/news/back-egypt-elbaradei-vows-take-part-planned-friday-demonstrations>. Acessado em 18 de janeiro de 2013



diversos jornais e sites. As atenções estavam voltadas na figura de ElBaradei, que assistiu a um culto na cidade de Giza e depois viajou para a capital. Segundo a CNN, ElBaradei foi detido em sua casa no Cairo, atitude condenada pelos Estados Unidos, que ameaçou cortar os pacotes de ajuda para o país, estimados em 1.5 bilhão de dólares. Robert Gibbs, porta-voz da Casa Branca, afirmou que "se o governo egípcio continuasse a utilizar da violência para reprimir demonstrações contra Mubarak e continuassem com o bloqueio à Internet e as redes sociais, os EUA iriam rever a postura assistencialista".<sup>39</sup>

O governo também sofreu acusações da Irmandade Muçulmana, que disse que vinte membros do grupo haviam sido detidos na madrugada, incluindo Essam el-Eriam, porta-voz da entidade, e Mohammed Morsi. Durante o dia, a polícia usou gás lacrimogêneo, balas de borracha e canhões de água em confrontos espalhados pelo país. Manifestantes em Suez tomaram controle de uma delegacia de polícia, libertando presos e ateando fogo a um posto policial. Em Port Sair, dezenas de milhares se reuniram e diversos prédios do governo foram vandalizados. O governo anunciou um toque de recolher entre seis da tarde e sete da manhã, prontamente ignorado pelos manifestantes.

Confluindo a partir de diversos pontos de concentração e ganhando ímpeto à medida que marchavam em direção à Praça Tahrir, massas acumulando-se como bola de neve num contingente de cerca de 80 mil pessoas estavam dispostas a enfrentar a polícia. Aturdida com a magnitude e a persistência dos manifestantes, a polícia acabou se confrontando com a ideia de que não estava equipada nem treinada para lidar com tamanho contingente de pessoas. A repressão se mostrou incompetente e desorganizada. Depois de quase duas horas de conflitos, a polícia se retirou, abandonando não só a ponte como todo o centro da cidade, enquanto as massas incendiavam a sede do PDN ocupavam a Praça. A essa altura, o ministro do Interior informou Mubarak que a situação estava fora de controle e avisou que o Exército precisaria intervir. Tropas foram posicionadas em torno de locais estratégicos e de edifícios governamentais em vários pontos da cidade, e foi anunciado um toque de recolher. Na manhã seguinte, os militares estavam por toda parte. (KANDIL, 2011; 159)

No primeiro discurso desde o começo dos levantes, Mubarak demitiu o atual gabinete e convocou o anúncio de um novo. O presidente se recusou a entregar o cargo, mas prometeu promover a democracia.

Eu pedi ao atual gabinete para entregar a resignação, e irei apontar um novo gabinete amanhã, que receberá instruções para lidar com as prioridades do governo. Eu volto a dizer que não tomarei decisões levianas e irei garantir o bem-estar de todos os egípcios. Vou defender

<sup>39</sup> <http://www.washingtonpost.com/wpdyn/content/article/2011/01/28/AR2011012806355.html>. Acessado em 18 de janeiro de 2013

a segurança do Egito e as aspirações de seu povo, pois esta é a responsabilidade e o dever que eu jurei diante de Deus e da nação.<sup>40</sup>

Em declaração após o discurso de Mubarak, Obama ligou para o presidente pedindo o fim do bloqueio à Internet e outras redes sociais. Obama disse que Mubarak não devia deixar o cargo ou convocar novas eleições, mas enfatizou que os direitos dos cidadãos egípcios deveriam ser respeitados. "Reformas políticas, sociais e econômicas devem ser feitas e precisam estar à altura das aspirações do povo egípcio. Mubarak é responsável por cumprir as palavras ditas em seu discurso"<sup>41</sup>, disse o presidente.

Em meio à censura e o bloqueio da Internet egípcia, que só voltaria no dia 2 de fevereiro, as autoridades também dirigiram suas atenções à televisão. A Al-Jazeera, canal privado catariano criado em 1996 e visto como uma das emissoras de maior prestígio do mundo árabe acusou o governo egípcio de cortar seu sinal de transmissão.

No dia 30 de janeiro, o governo exigiu o fechamento da sucursal de Cairo, numa ação classificada pela emissora como um “ato destinado a sufocar e reprimir a liberdade de informação da rede e seus jornalistas”.<sup>42</sup> No dia seguinte, seis repórteres foram detidos pela polícia e tiveram equipamentos confiscados. Em relatório, o Comitê de Proteção de Jornalistas condenou as atitudes do governo, e pediu a ajuda do Exército.

O governo egípcio está empregando uma estratégia de eliminar testemunhas de suas ações. O governo recorreu à censura e à intimidação, e hoje uma série de ataques deliberados contra jornalistas está sendo realizada por multidões pró-governo. A situação nos assusta não só porque os nossos colegas estão sofrendo abuso, mas porque, quando a imprensa é impedida de realizar relatórios, perdemos uma fonte independente de informação crucial. O Egito, além de possuir uma reputação de opressão à mídia, tenta ignorar o que se passa nas ruas ao colocar no ar programas de culinária em seu canal estatal. As autoridades egípcias precisam aprender as lições vistas na Tunísia. O blecaute da mídia não está funcionando.<sup>43</sup>

A convocação de um novo gabinete não acalmou o ânimo de milhares de manifestantes. Apesar da saída do ministro do interior Habib al-Adli, uma das requisições dos opositores, e as promessas de reformas econômicas e políticas, o clima

<sup>40</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=kzAFged8qXU>. Acessado em 19 de janeiro de 2013

<sup>41</sup> Disponível em [wapo.st/V3PeUN](http://wapo.st/V3PeUN). Acessado em 19 de janeiro de 2013

<sup>42</sup> Disponível em <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/01/201113085252994161.html>. Acessado em 19 de janeiro de 2013

<sup>43</sup> Disponível em <http://cpj.org/2011/02/journalists-under-physical-assault-in-egypt.php>. Acessado em 19 de janeiro de 2013

anti-governo parecia ter chegado ao auge. Foi convocada para primeiro dia de fevereiro a “Marcha do Milhão”, que sairia da Praça Tahrir com destino ao palácio presidencial.

Segundo a mídia do governo, o número de manifestantes chegou à casa dos milhares. A BBC relatou que a Praça Tahrir reuniu 250 mil pessoas, enquanto as forças de segurança egípcias declararam que meio milhão de pessoas participaram dos protestos na capital. De acordo com a Al Jazeera, mais de um milhão se reuniram no centro de Cairo durante a tarde, chegando ao dobro no cair da noite. Outras cidades reuniram quantidades expressivas de manifestantes, marcando o dia 1º como o de maior mobilização desde o dia 25.

A resposta de Mubarak veio em um discurso televisionado, o segundo desde o início dos protestos. Em um pronunciamento que durou pouco mais de dez minutos, Mubarak declarou que ele não tinha a intenção de disputar as próximas eleições, mas declarou que iria permanecer no cargo para assegurar uma transição pacífica, além de prometer reformas políticas. Ele também exigiu que as autoridades egípcias investigassem os responsáveis pela desordem observada desde o início dos protestos. Admitindo violações de voto por membros-chave do parlamento em eleições anteriores, Mubarak convocou o Parlamento egípcio para alterar os limites de mandato e para alterar os requisitos para concorrer à presidência.

O Hosni Mubarak que fala para vocês esta noite se preocupa com o povo que tanto lhe apoiou durante anos. Este grande país é o meu país, da mesma forma de que é o país de cada egípcio – neste solo nasci, lutei pela soberania e interesses, e é neste solo que padecerei. A História irá me julgar pelos meus atos, tal como julgou outros que vieram antes de mim. Enquanto as pessoas vêm e vão, o Egito continua, e a segurança e futuro de nosso país está na mão de nossas crianças. Que Deus proteja este país.<sup>44</sup>

Se em seu discurso Mubarak dava sinais de enfraquecimento, as cenas vistas na Praça Tahrir durante o dia seguinte evidenciavam o contrário. No que ficou conhecida como a Batalha do Camelo, centenas de simpatizantes do governo, armados com espadas, chicotes, pedras e facas, tentaram invadir a Praça e acabar com as manifestações.

Centenas de homens pró-Mubarak se deslocaram em direção à Praça Tahrir. Eles estavam visivelmente irritados, embora não estivesse claro o motivo de tanta irritação. "Quem está com o Egito está com o presidente!", era um dos gritos. Eles quebraram a proteção militar e

---

<sup>44</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=S\\_3e8fg1at8](https://www.youtube.com/watch?v=S_3e8fg1at8)

foram para cima dos manifestantes. Vários soldados que tentavam manter os dois lados separados se retiraram. Conforme a massa pró-Mubarak pressionava a entrada na Praça, os manifestantes formaram uma corrente humana para tentar mantê-los fora da área central, uma área gigante rodeada por hotéis e do Museu Nacional que havia sido isolada por tanques militares, com apenas dois pontos de estrangulamento.<sup>45</sup>

Em entrevista ao jornal *The Guardian*, Mohamed ElBaradei disse que a verdadeira face do regime de Mubarak voltou a transparecer, dando um fim à falsa impressão criada pelos discursos televisionados e mudanças de gabinete. “Isto tudo é mais um sinal de que este regime criminoso perdeu o fio da meada. As pessoas perceberam com quem estão lidando, e o fim está cada vez mais próximo”<sup>46</sup>, afirmou o líder da oposição.

Para Khaled Whaba, professor da faculdade de Cairo, as cenas de violência do dia 2 de fevereiro prejudicaram ainda mais a imagem de Mubarak, que havia melhorado um pouco após o discurso do dia anterior.

No segundo discurso, Mubarak anunciou sua intenção de não concorrer à presidência novamente, e prometeu reformas políticas e econômicas até as próximas eleições, que seriam em setembro de 2011. Apesar de muitos egípcios não receberem de braços abertos as intenções de Mubarak, já que o desejo dos manifestantes era a saída imediata do presidente, o impacto deste segundo discurso atraiu a simpatia de uma boa parcela da população. Existia uma crença de que o regime de Mubarak estava entrando em colapso. Porém, as cenas do 2 de fevereiro mudaram tudo. Acredita-se que a Batalha do Camelo, como foi posteriormente chamada, tenha sido financiada e orquestrada por empresários filiados ao Partido Democrata Nacional. A partir deste momento, Mubarak perdeu a maioria da simpatia que havia obtido na noite anterior, e a Praça Tahrir virou um símbolo ainda maior de oposição ao regime, que sofria uma pressão imensa. Este aumento do número de opositores não foi observado só em Cairo, mas também em cidades como Alexandria, Suez, Mansoura e Ismalia. Manifestantes ocupavam espaços públicos, colocando mais pressão em Mubarak e no regime. (WAHBA, 19; 2011)

Líderes ao redor do mundo se juntaram em um coro de condenação<sup>47</sup> à violência em Cairo. O Secretário geral da ONU Ban Ki-moon lamentou a violência na Praça Tahrir e reiterou seu pedido de paz, enquanto o primeiro-ministro britânico David

<sup>45</sup> [http://www.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,2045328\\_2045333\\_2045720,00.html](http://www.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,2045328_2045333_2045720,00.html). Acessado em 19 de janeiro de 2013

<sup>46</sup> <http://www.guardian.co.uk/world/2011/feb/02/egypt-revolution-turns-ugly>. Acessado em 19 de janeiro de 2013

<sup>47</sup> <http://edition.cnn.com/2011/WORLD/meast/02/02/egypt.world.reaction/>. Acessado em 19 de janeiro de 2013

Cameron disse que a repressão deveria parar e que Mubarak precisava agir de acordo com as mudanças propostas no dia anterior. O presidente Obama afirmou que a transição deveria ser significativa, pacífica e imediata.

Se o governo de Mubarak era condenado pela opinião pública internacional, em um âmbito interno a situação não era diferente. Jornais egípcios que tradicionalmente serviam como porta-voz do regime começaram a mudar de lado, compartilhando e amplificando o discurso da revolta popular contra o governo.

Em uma guinada em relação à sua posição anterior, o al-Ahram, jornal mais prestigiado do Egito, estampou a primeira capa da edição da quarta-feira dia 9 de fevereiro com a seguinte manchete: "Uma quarta marcha do milhão consolida a base da revolução do dia 25 de janeiro". Antes de mudar sua retórica, o al-Ahram descreveu o 25J como um dia de "caos desordenado, com a presença de algumas dezenas de manifestantes criando distúrbios na Praça Tahrir". Agora, o jornal não só noticiava a urgência da queda do regime e a saída de Mubarak mas, evidenciando o fim do apoio ao Partido Democrata Nacional, afirmava que "líderes de diversos movimentos sociais e políticos deveriam protagonizar a liderança conquistada com a revolução do dia 25 e escrever um novo capítulo na história do Egito".<sup>48</sup>

Segundo Ismail, "antes da mudança de discurso, os jornais costumavam descrever o Egito como um país de múltiplas liberdades, e viam a polícia a Lei de Emergência como ferramentas importantes para proteger o Egito do terrorismo"<sup>49</sup>. De acordo com o jornalista, "jornais como o Al- Jumhuriya, porta-voz explícito do Partido Democrata Nacional, diziam que a aliança opositora precisavam iniciar as conversas com a situação, mas isso só poderia acontecer após a saída iminente de Mubarak".<sup>50</sup>

A última semana de Mubarak no poder foi marcada pelo início das negociações envolvendo o vice-presidente egípcio Omar Suleiman e representantes da oposição, em meio a contínuos protestos e greves em massa por todo o Egito. Entre suspeitas de um golpe militar e a subida do vice Suleiman ao poder, Hosni Mubarak realizou seu último discurso como presidente egípcio no dia 10 de fevereiro. Ele disse que iria punir os responsáveis pela violência e que tinha uma visão clara sobre como acabar com a crise. Hosni afirmou que, ao final de seu mandato, em setembro, ele iria transferir seus poderes para o vice-presidente. Mubarak disse que iria ficar no país e garantiu estar apto

---

<sup>48</sup> ISMAIL, Farrag. 2011. Egypt newspapers see a radical change in rhetoric. Al Arabiya News. Disponível em <http://english.alarabiya.net/articles/2011/02/09/136992.html>. Acessado em 19 de dezembro de 2012

<sup>49</sup> Idem

<sup>50</sup> Idem

para continuar a assumir a responsabilidade de proteger a Constituição e garantir os interesses do povo até setembro.

Filhos e filhas, juventude do Egito, queridos cidadãos. Eu anunciei anteriormente que não iria concorrer às próximas eleições presidenciais, e que não iria mais servir o país que governei nos últimos 30 anos. Anunciei que devo cumprir minhas responsabilidades como líder e proteger a constituição, além dos direitos das pessoas até que o poder seja transferido para o eleito pelo povo em setembro. Entramos em um momento de um construtivo diálogo nacional, que conta com a participação da juventude que clama por mudanças e reformas. [...] Estamos convencidos de que o Egito está passando por um momento histórico. Por isso, delego ao vice-presidente os poderes do presidente, de acordo com nossa Constituição. [...] Tenho plena consciência de que o Egito irá superar esta crise, e o povo irá desviar as flechas dos inimigos que buscam o mal para o nosso país.<sup>51</sup>

A reação da oposição ao discurso de Mubarak foi praticamente instantânea. Em imagens reproduzidas por diversas emissoras locais e estrangeiras, milhares de pessoas na Praça Tahrir, acenando seus sapatos no ar, exigiam a saída imediata do presidente. A revolta resultou em uma escalada de protestos em todo o país no dia 11 de Fevereiro, chamado de "Sexta-feira da Partida" pelo movimento de oposição. O palácio presidencial e o parlamento permaneceram cercados por manifestantes, e milhares de pessoas cercaram o edifício da televisão estatal. Às seis horas da noite, horário local, o vice-presidente Suleiman fez o derradeiro anúncio:

Cidadãos, em meio às difíceis circunstâncias observadas em nosso país, o presidente Hosni Mubarak decidiu entregar o cargo de presidente da República e indicou a alta corte das Forças Armadas para administrar os interesses de nosso país. Que Deus ajude a todos.<sup>52</sup>

Em 18 dias, grupos de oposição formaram e prepararam o clima necessário para uma série de protestos e resultados que culminaram na queda de Mubarak, no cargo há três décadas. A partir da manifestação do dia 25 de janeiro, a Praça Tahrir foi continuamente ocupada por manifestantes. Por volta do dia 7, as greves haviam se disseminado. No dia 10 o Conselho Militar Supremo se reuniu pela primeira vez desde 1973. No dia seguinte, Omar Suleiman anunciou a renúncia de Mubarak.

As multidões da Praça Tahrir representavam a massa crítica da sociedade egípcia, abrangendo estratos que iam da classe média baixa à classe média alta. Nessa gama havia pessoas de todas as idades, desde avôs até crianças pequenas, de ambos os sexos e das duas principais religiões. As mulheres se mobilizaram desde o primeiro dia; mães

<sup>51</sup> Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=I931zZcUbWU>

<sup>52</sup> Disponível em <http://mondoweiss.net/2011/02/mubarak-resigns-and-hands-power-to-military-as-egyptians-hit-the-streets-on-farewell-friday.html>. Acessado em 19 de janeiro de 2013

idosas usando véus e ativistas sem véus postavam-se de mãos dadas. Cristãos davam as mãos e formavam um círculo em torno dos muçulmanos quando eles faziam suas preces. Estima-se que a revolta possa ter envolvido algo entre 10 e 15 milhões de pessoas, das quais 5 milhões no Cairo. (KANDIL, 2011; 162)

A saída de Mubarak provocou reações de diversos líderes. O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, disse que “o povo egípcio deixou claro que a democracia genuína prevaleceu, e que é papel do Exército garantir uma transição pacífica para o próximo líder, que será eleito democraticamente”<sup>53</sup>. Ban Ki-moon, secretário geral da ONU, clamou por “uma transição transparente e organizada, e que esperava eleições justas”.<sup>54</sup>

Porém, o período entre fevereiro de 2011 e julho de 2012, em que o Egito foi controlado pelo Conselho Supremo das Forças Armadas, ficou marcado por protestos e pressões contra o governo interino.

A transição política no Egito não é simples. As primeiras semanas após a queda do governo de Mubarak foram aparentemente tranquilas, mas agora estamos vendo uma passagem de bastão que corre o risco de ser um fiasco. O Egito está agora passando por uma transição feita pelos militares, no poder desde que Mubarak convocou eleições institucionais, enquanto o ditador ainda estava no poder. O problema é que as intenções dos militares não estão claras: a Suprema Corte quer mesmo promover a eleição de um líder para satisfazer as expectativas do povo? O rascunho de proclamação que revela as intenções da Suprema Corte em permanecer no poder por tempo indeterminado deixou claro que o Exército não aceitará uma intervenção da sociedade civil durante a criação da nova Constituição. Enquanto nossos vizinhos da Tunísia parecem estar no processo de criação de um novo sistema político, os principais conflitos no Egito, mais dividido do que nunca, ainda precisam ser resolvidos.<sup>55</sup>

Em 30 de julho de 2012, Mohamed Morsi, candidato da Irmandade Muçulmana, foi nomeado o primeiro presidente democraticamente eleito da história do Egito. No entanto, a euforia deu lugar à decepção. Dois anos após a queda de Mubarak, o país passa por uma grave crise política e econômica. Muitos entusiastas da revolução mostram-se decepcionados com o governo e lamentam o curso pelo qual o Egito está seguindo. A desilusão deverá encontrar eco nas urnas. Uma pesquisa do Centro Egípcio

<sup>53</sup> <http://www.reuters.com/article/2011/02/11/us-egypt-world-reaction-idUSTRE71A3QR20110211>  
Acessado em 19 de janeiro de 2013

<sup>54</sup> <http://www.reuters.com/article/2011/02/11/us-egypt-world-reaction-idUSTRE71A3QR20110211>.  
Acessado em 19 de janeiro de 2013

<sup>55</sup> Disponível em <http://egyptelections.carnegieendowment.org/2011/11/28/electing-new-egypt>. Acessado em 19 de janeiro de 2013

de Opinião Pública revelou “que 44% dos egípcios não devem apoiar a reeleição do presidente, com índices de aprovação de apenas 50%”.<sup>56</sup>

### 3. O OUTONO

A Primavera Árabe marca um novo cenário político no mundo. A massiva participação popular em protestos que inundaram as ruas do país e a larga utilização das mídias sociais demonstram uma nova forma de organização político-social. Porém, qual foi o verdadeiro impacto das mídias sociais nas mobilizações? Deve-se isolar a nova mídia como protagonista da revolução ou a presença da Internet é um sinal de mudança na arquitetura da mídia? Além disso, dois anos após o 25J, o presidente Mohamed Morsi vê seu governo atravessar a mais grave crise desde que o antigo líder da Irmandade Muçulmana foi eleito democraticamente, em julho de 2012. O que representam hoje as Redes Sociais no Egito depois da queda de Mubarak?

#### 3.1 O meio foi a mensagem?

No capítulo anterior foi observada a relação entre mídias sociais baseadas na Internet, como Twitter, Facebook e os protestos contra o governo de Hosni Mubarak. Com o Egito praticamente isolado após o bloqueio da rede e da telefonia móvel, estas ferramentas desempenharam um papel importante para audiências estrangeiras vivenciarem os tumultos praticamente em tempo real, seja por *feeds* de Twitter ou vídeos do YouTube postados em páginas do Facebook. Após a queda de Mubarak, criou-se um forte senso comum de que estas novas mídias foram fundamentais para a revolução egípcia. Porém, qual foi o verdadeiro impacto das mídias sociais nas mobilizações? Deve-se isolar a nova mídia como protagonista da revolução ou a presença da Internet é um sinal de mudança na arquitetura da mídia? Pode-se falar em uma sinergia entre mídias sociais e veículos tradicionais de comunicação como televisão e jornal?

O papel da nova mídia como disseminador de conteúdo é uma das áreas mais importantes de influência observada durante a Primavera Árabe egípcia. Mídias sociais como o Twitter conectavam pessoas do mundo árabe e do Ocidente a manifestantes, possibilitando o compartilhamento de conteúdos e experiências em primeira mão.

---

<sup>56</sup> <http://english.ahram.org.eg/NewsContent/1/64/64449/Egypt/Politics/--pct-of-Egyptians-not-willing-to-reelect-Presiden.aspx>. Acessado em 19 de janeiro de 2013



Jornalistas de grandes meios de comunicação, tal como Al-Jazeera ou jornais e emissoras de televisão norte-americanos contavam com as novas mídias. No caso de Líbia e Síria, quase todas as filmagens utilizadas pelas emissoras eram feitas por usuários, sendo mandadas diretamente para as estações ou sendo compartilhadas nas redes sociais. Meios de comunicação de massa usaram as mídias sociais para identificar ativistas e utilizá-los como fonte para suas matérias, transformando alguns em estrelas internacionais. (LOTAN, 2011;5).

Com o desenrolar dos eventos, o Twitter serviu como um meio para o jornalismo profissional e cidadão. Pessoas de diferentes partes do mundo se baseavam nos *feeds* para aprender mais sobre os acontecimentos e compartilhar notícias. Em um extenso estudo de análise do fluxo de informação durante as manifestações no Egito e na Tunísia, Gilad Lotan, criador do site Social Flow<sup>57</sup>, traçou um mapa com diferentes grupos de usuários que tinham no Twitter uma fonte de informação.

No contexto das revoluções da Tunísia e do Egito, as informações eram objeto de interesse de três grupos: pessoas diretamente conectadas ao que estava acontecendo nos países, tal como residentes os expatriados que tinham interesse em saber sobre as condições de suas casas ou familiares, meios de comunicação de massa que buscavam atualizar a situação dos acontecimentos para promover uma cobertura fiel e rápida, e leitores interessados em saber o que estava acontecendo em tempo quase real. (LOTAN, 2011; 78)

A nova mídia funcionava como uma espécie de conduíte para a mídia tradicional, que buscava material bruto e em tempo real dos protestos. Meios de comunicação tradicionais, especialmente a televisão, utilizavam vídeos amadores em suas transmissões ao invés de material produzidos por seus correspondentes localizados nos protestos no Egito e na Tunísia.

No YouTube, vídeos produzidos por cidadãos receberam uma quantidade desproporcional de visitas comparados com o material feito por meios de comunicação de massa. Páginas de notícias no Facebook, Google e no YouTube redirecionavam o usuário para vídeos amadores. A própria Al-Jazeera revelou que a grande maioria de referências para sua cobertura do Egito vieram de *posts* no Facebook e vídeos no YouTube. No Twitter, a discussão sobre as revoluções do Egito e Tunísia influenciou a cobertura de meios de comunicação de massa. (ADAY & FARRELL, 2011; 9)

Com o bloqueio da Internet e das redes de telefone celular, manifestantes localizados na Praça Tahrir se envolveram em um esforço organizado para prover conteúdo para a mídia global.

---

<sup>57</sup> <http://www.socialflow.com/>

Meu grupo de ação incluía blogueiros, ativistas e jornalistas que coletavam a maior quantidade de mídia durante o *blackout*, em um momento em que o Egito estava desconectado e pouca informação saía do país. Nós coletávamos a mídia, e transmitíamos fisicamente ou eletronicamente para que as informações se espalhassem. Muitos vídeos vistos na BBC World ou Al-Jazeera em transmissões internacionais vieram deste tipo de trabalho e material. (GHARBEIA apud AOURAGH & ALEXANDER, 2011; 1352)

Números coletados pela historiadora Nora Bakr evidenciam o ativismo online observado durante os meses de janeiro e fevereiro.

Entre 11 de janeiro e 10 de fevereiro de 2011, 34 milhões de pessoas se juntaram à causa por meio do Facebook, com a criação de 2313 páginas com mais de 460 mil comentários. Neste mesmo período, 93 milhões de *tweets* sobre a revolução foram trocados dentro do Egito, e entre o Egito e o restante do mundo. (BAKR, 2012; 68)

Ciberentusiastas como Philip Howard e Muzammil Hussain argumentam que

Desde o começo de 2011, protestos no mundo árabe se multiplicaram de país a país, graças à capacidade da mídia digital do compartilhamento de problemas similares por diferentes comunidades e a possibilidade de união em torno de um objetivo único, que é a mobilização organizada contra ditadores. Em cada país, as pessoas usaram a mídia digital para construir uma resposta política a uma situação problemática ou injusta, como repressão, censura e pobreza. A mídia digital se tornou a ferramenta que permitiu com que movimentos sociais alcançassem metas antes inimagináveis. A Internet, os telefones celulares e as mídias sociais como Facebook e Twitter fizeram a diferença desta vez. Com o uso destas tecnologias, pessoas interessadas pela democracia puderam construir redes extensas, criar capital social, e organizar ações políticas com velocidade e escalas nunca vistas antes. Graças a estas tecnologias, as redes virtuais se materializaram nas ruas. (HOWARD & HUSSAIN, 2011; 35-36)

Segundo os pesquisadores da Universidade de Santiago de Compostela Miguel Túñez López e José Sixto García, uma vantagem da forma ágil e simples como a informação – seja ela formal ou informal – é que ela circula através dos usuários das redes sociais, ao contrário da rigidez e hierarquia impostas pelo sistema de comunicação das mídias tradicionais. Essa vantagem possibilitaria que as minorias e movimentos alternativos tivessem maior facilidade na difusão de suas demandas – difusão esta, em tese, ilimitada, já que estes estão interconectados com milhares de usuários.

Yves Gonzalez-Quijano, pesquisador do Institut Français du Proche-Orient, em Damasco destaca a popularização destas novas tecnologias e desta nova forma de relacionamento entre a juventude dos países árabes.

Cada vez mais habituada às técnicas digitais, a juventude árabe navega na rede procurando respostas para suas inquietações e estabelecendo intercâmbio com outros internautas. De certa forma, a Internet, através de suas diversas aplicações, não é apenas um "lugar" onde os jovens podem encontrar essa informação, possivelmente política. É na verdade o lugar da política, onde muitas vezes, na ausência de possibilidades de alternativas, constrói-se um espaço público alternativo (GONZALEZ-QUIJANO, 2011; 118).

O diretor do Centro de Oriente Médio da London School of Economics, Fawaz A. Gerges, diz que “os novos meios de comunicação e ferramentas como Facebook, Twitter e YouTube se transformaram em armas contra governantes tiranos” (GERGES, 2011;8). Gerges afirma que a queda de Mubarak proporcionou “uma sensação de poder nunca antes experimentada pela população, já que Mubarak – que mantinha um exército com 1,5 milhão de homens – era o símbolo do autoritarismo na região” (Ibidem; 12).

Os árabes comuns se sentiam dotados de poder à beira de uma nova aurora democrática. Eles começaram a abalar a apatia política e adentrar em um espaço político vibrante. Há uma nova linguagem política, uma sensação de renascimento e um intenso ativismo de massas no espaço social e político. Trata-se de uma revolução dentro da sociedade civil. (Ibidem; 9)

Em artigo publicado pela revista *Foreign Affairs*, Shirky fala que, em todo o mundo, ativistas têm usado ferramentas como as mídias sociais em busca de mudanças.

Na verdade, o melhor argumento para pensar que as mídias sociais podem ajudar a trazer mudanças políticas é o nível de impacto que elas podem trazer. Por todo o mundo, ativistas creem na utilidade destas ferramentas e cada vez mais buscam usá-las com um propósito de mudança política. Por outro lado, os governos se sentem ameaçados, pois observam a potência destas mídias sociais. Em resposta, eles maltratam, prendem, exilam e matam. (SHIRKY, 2011;7-9)

Claramente, deve-se dar atenção especial ao conteúdo produzido e compartilhado pelas novas mídias durante a Primavera Árabe (principalmente os vídeos amadores, coletados e retransmitidos por meios tradicionais de comunicação dentro e fora da MENA<sup>58</sup>). Este conteúdo é uma manifestação de um mecanismo pelo qual as novas mídias ajudaram a chamar a atenção dos acontecimentos da Primavera Árabe para uma audiência internacional - a ideia de "atenção externa".

A nova mídia pode chamar a atenção de atores externos, criando um sentimento de simpatia ou hostilidade política e criando novas oportunidades de geração interna de poder. O conceito de atenção

---

<sup>58</sup> Acrônimo em inglês para Middle East e North Africa

externa aumenta a possibilidade do que Margaret Keck e Kathryn Sikkink chamam de efeito bumerangue, onde ativistas de um país pode criar um momento político em outro país, colocando pressão no governo local. (ADAY & FARRELL, 2011; 20)

Estes efeitos podem trazer consequências políticas importantes. Por exemplo, eles podem dificultar a repressão excessivamente violenta dos regimes sobre os manifestantes. Deve-se tentar entender como o conteúdo criado, transmitido e compartilhado pelas mídias sociais afetam as decisões de membros do governo, ONGs, e outros atores envolvidos neste intrincado jogo de interesses.

Observa-se uma mudança qualitativa no modo pelo qual manifestantes, regimes, público externo e comunidade internacional reagem a episódios de violência. Enquanto no passado massacres em países como Síria e Irã passavam praticamente despercebidos e não geravam consequências, a violência praticada por regimes vêm gradualmente chamando a atenção do Conselho de Segurança da ONU, da Liga Árabe e da Corte Internacional de Justiça. Esta nova transparência contribui para o aumento da fiscalização sobre regimes tidos como violentos. Este novo ambiente da informação, com especial atenção aos vídeos anônimos, parecem já ter mudado o jogo. (ADAY & FARRELL, 2011; 20)

Não se deve negar a influência de páginas do Facebook como “Todos somos Khaled Said”, que ajudaram a persuadir usuários egípcios a sair nas ruas e aumentar o coro de descontentamento com o governo de Mubarak. Mas, por que os protestos ganharam força após o marcante 25J? Como explicar a presença em massa de milhares de egípcios provenientes de diferentes classes sociais? Em entrevistas, Wael Ghonin e Ahmed Saleh, dois dos principais organizadores do 25J, buscaram minimizar o papel das redes sociais nos levantes contra Mubarak.

Acho que o papel das mídias sociais na revolução precisa ser revisto de maneira drástica. O poder do povo fez esta revolução acontecer, não o Facebook, do Twitter ou qualquer outra rede social. O Facebook desempenhou um papel incrível ao promover o 25J. Porém, se é necessário dar um crédito ao "catalizador" da revolução, devemos dar à Tunísia, porque foram os tunisianos que nos inspiraram. Nós olhamos suas conquistas, e isso nos contagiou de uma forma única. E aí usamos todas as ferramentas disponíveis para tentar nos comunicar, colaborar e decidir os detalhes para o 25J.<sup>59</sup>

Acho que de maneira geral existe uma supervalorização do papel da Internet e das mídias sociais como instrumentos de revolução da juventude egípcia. Se não fosse pelo Facebook, a revolução iria começar de qualquer forma. O efeito do Facebook em uma revolução

---

<sup>59</sup> Trecho de entrevista de Wael Ghonim concedida à rádio NPR, em 25 de fevereiro de 2011.

orquestrada com consequências profundas (com a ativação de uma organização política que estava à margem da sociedade há décadas) é fazer a revolução mais rápida, organizada, com menos casualidades e, mais teatral. A pluralidade dos fatores envolvidos no processo e no sucesso da revolução egípcia faz com que o "efeito Facebook" seja diminuído. Minha especulação é que o foco ocidental nas mídias sociais e na Internet se dá pelo desejo de receber os créditos pela Primavera Árabe, já que o Ocidente é creditado pela invenção destas ferramentas. Por isso, o ângulo propagado pela mídia ocidental é que o das redes sociais/Facebook/Internet, ao invés do mais importante e impactante efeito da injustiça perpetuada por ditadores patrocinados por líderes do Ocidente. (SALEH apud EMON & LUST, 2011)

Uma análise mais detalhada mostra evidências frágeis sobre o impacto das novas mídias como a razão da queda de Mubarak. Após entrevistarem vários egípcios presentes nos protestos, os pesquisadores Zach Brisson e Panthea Lee descobriram que organizações-chave da sociedade civil egípcia (como movimentos sindicais e trabalhistas) não estavam online, e muitos temiam o monitoramento da Internet realizado pelo governo. Brisson e Lee afirmam que documentos escritos à mão e a comunicação face-a-face desempenharam um papel crucial para a organização destes grupos.

Enquanto o Facebook pode ser usado como instrumento de recrutamento e criação de campanhas, ele não parece ser confiável como serviço de organização de massas. A maioria dos organizadores mais experientes com quem conversamos ainda baseavam suas atividades de uma forma analógica, em células. Ao retornar para suas comunidades, estes líderes distribuía documentos escritos à mão para seus colaboradores. O sucesso e importância destas técnicas "ultrapassadas" mostram os limites da tecnologia na facilitação da revolução egípcia. A quantidade de conhecimento transferido em cafés, esquinas e bancas é imensa. (BRISSEON & LEE, 2011; 30-31)

Mesmo se a comunicação feita pela Internet é mais rápida e permite um relativo anonimato, estas reuniões físicas são melhores para planejamento político e organização, além de construir um sentimento de confiança mais consolidado.

No dia 25 de janeiro, os organizadores de movimentos de oposição egípcio criaram o que pareceu ser uma espontânea massa de residentes da periferia de Bulaq al-Dakrour, no leste de Cairo. Porém, ao contrário do que diz a narrativa popular, estes manifestantes não eram membros de uma juventude educada que aprendeu sobre os protestos pela Internet. Eles eram uma massa de pessoas humildes que se reuniram, surpreendendo as forças de segurança. Os ativistas escolheram locais de protesto geralmente ligados a mesquitas em áreas densamente povoadas de bairros populares, na esperança de que

um número tão grande de comícios espalhados espantasse as forças de segurança e permitisse chegar rapidamente na Praça Tahrir. (LEVINSON & COKER, 2011)

Enquanto ciberentusiastas afirmam que “as mídias sociais tiveram um papel central na moldagem dos debates políticos dentro da Primavera Árabe” (HOWARD et al, 2011;3), vozes dissonantes dizem que a evidência para estas afirmações é baseada em uma análise superficial.

Existem evidências de que dentro do próprio Egito o Twitter foi umas das fontes de informação menos importante durante os protestos. Em uma pesquisa realizada na Praça Tahrir, somente 13% dos manifestantes nomearam o Twitter como um meio usado nas atividades. As mídias sociais ficaram atrás de meios como a televisão (92%), e comunicação face-a-face (93%). É difícil atestar que o Twitter espalhou mais "notícias imediatas" pela região do que a Al-Jazeera, com seus 40 milhões de telespectadores. O Twitter certamente influenciou a cobertura da Al-Jazeera, onde equipes especiais monitoravam as novas mídias durante a crise, mas, sem a mídia tradicional, o impacto do Twitter teria sido ainda mais limitado. (ADAY & FARRELL, 2011; 80)

Após o dia 28, com a queda da Internet e das redes de telefonia móvel, os canais de mobilização não eram feitos pelas mídias sociais. Nossos entrevistados localizados na Praça Tahrir durante os eventos iniciados no 25J enfatizaram a total falta de conhecimento do que estava acontecendo em qualquer outro ponto da cidade. A situação só mudava quando eles iam para casa para assistir à cobertura da Al-Jazeera. (AOURAGH & ALEXANDER, 2011; 1354)

A nova mídia é apenas um elemento de uma ampla transformação do ambiente da informação e comunicação dentro do século XXI, que inclui televisão por satélite, a imprensa, Wikileaks, e muito mais. É necessário um trabalho de inserção desta nova mídia dentro deste contexto de transformação. Debates sobre o papel da nova mídia em transformações sociais e políticas são familiares. Em 2009, estabeleceu-se um consenso de a insurgência do Movimento Verde iraniano contra uma suposta eleição presidencial fraudulenta do candidato Mahmoud Ahmadinejad só foi possível graças ao Twitter. Segundo Aday, “a nova mídia desempenhou um papel de menor importância dentro do país, mesmo que tenha ajudado e influenciado a cobertura internacional do evento”. (ADAY & FARRELL, 2011; 92)

O entusiasmo por uma interpretação centrada nas mídias sociais como protagonista da Primavera Árabe pode ser um tiro pela culatra, minimizando a importância e influência de outros fatores causais. Por outro lado, um ceticismo pode

limitar de forma exagerada o papel das novas mídias, que podem sim ter tido um papel crucial. Tanto entusiasmo e ceticismo indevidos podem levar a uma análise equivocada de um evento que até hoje está sendo compreendido.

### 3.2 O Espólio

Dois anos depois do começo do levante popular que derrubou o ditador Hosni Mubarak, a Praça Tahrir, berço da revolução egípcia, voltou a ser palco, mais uma vez, de protestos de dezenas de milhares de manifestantes. Mas, desta vez, as manifestações em diversos pontos do país lideradas pela oposição secular se voltaram contra o governo do presidente Mohamed Morsi e a ascensão da Irmandade Muçulmana. Para os opositores, quase sete meses depois de tomar posse com promessas de governar para todos e de guiar o país na transição à democracia, Morsi traiu os princípios da revolução. Entre suas iniciativas mais criticadas está a aprovação às pressas de uma nova Carta, discutida por uma Assembleia Constituinte com participação majoritária de islamistas.

O presidente, que assumiu o poder em junho, disse que as medidas são necessárias para preservar a “revolução” e a transição da nação para a democracia. O decreto define que o presidente pode tomar, em caráter definitivo e irrevogável, “qualquer decisão ou medida para preservar a revolução”, o que deu início a uma nova queda de braço com o Judiciário em um momento no qual um painel tenta elaborar uma nova Constituição para o país.<sup>60</sup>

Ao cenário de polarização política, somam-se ainda os graves efeitos da turbulência na economia local.

Depois da euforia com a queda do ditador, os egípcios se deparam hoje com um cenário de ampla polarização política e grave crise econômica. O governo se engaja em negociações para obter um empréstimo de US\$ 4,8 bilhões do Fundo Monetário Internacional, e até isso divide opiniões. Para muitos, os recursos serão sinônimo de medidas impopulares de austeridade, como alta de preços e corte de subsídios, que afetam principalmente os mais pobres.<sup>61</sup>

Uma pequena amostra das dificuldades do governo em lidar com a crise ocorreu quando Morsi anunciou, no mês passado, um aumento de impostos sobre serviços e

---

<sup>60</sup> Disponível em

[http://www.folhape.com.br/cms/opencms/folhape/pt/edicaoimpressa/arquivos/2012/11/28\\_11\\_2012/0081.html](http://www.folhape.com.br/cms/opencms/folhape/pt/edicaoimpressa/arquivos/2012/11/28_11_2012/0081.html) Acessado em 19 de janeiro de 2013

<sup>61</sup> O GLOBO, Violência volta à Praça Tahrir para marcar 2 anos da revolução, 26/01/2013

mercadorias e suspendeu a medida horas depois<sup>62</sup>. A desvalorização da moeda local, a libra egípcia, em 7% no último mês, já traz o receio de alta da inflação. A turbulência política prolongada afetou o potencial do país para atração de capital.

Nos últimos seis meses, o Egito perdeu US\$ 5 bilhões em investimentos estrangeiros. E dois anos depois da revolução que derrubou Mubarak, as reservas internacionais ainda estão 60% abaixo do patamar anterior ao levante. O turismo, uma das principais atividades econômicas e importante fonte de receita, sofreu com a queda drástica de visitantes. Empresas já reduziram o número de guias e trabalham atendendo principalmente visitantes do próprio país.<sup>63</sup>

Apesar do cenário nebuloso na economia, esta não é a única fonte de preocupação entre os egípcios. As queixas se referem ainda à ausência de reformas nas brutais agências de segurança da era Mubarak. Há ainda um forte ressentimento diante da falta de ações concretas para punir os responsáveis pela repressão aos manifestantes durante o levante contra o ditador. Cerca de 900 pessoas morreram nos confrontos, mas nenhum nome do governo Mubarak foi responsabilizado até agora. Até mesmo o ditador, que havia sido condenado à prisão perpétua por ordenar os assassinatos, teve sua sentença revogada e agora aguarda novo julgamento em sua cela, com a saúde debilitada.

Quando os egípcios se levantaram para derrubar a ditadura dois anos atrás, muitos disseram esperar que homens como Hosni terminassem atrás das grades. E o que irrita muitos agora não é somente que uma grande quantidade de remanescentes do antigo regime tenha escapado do cárcere, mas que continue a levar vidas extremamente confortáveis. Eles socializam em propriedades e clubes de luxo. Cruzam bairros dilapidados do Cairo em carros com motorista. Alguns tiveram os bens congelados e as viagens, restritas, mas isso parece ter tido pouco efeito em suas vidas cotidianas. Mubarak e seus dois filhos estão entre pelo menos 15 figuras proeminentes do antigo regime enviadas à prisão. Mas alguns - incluindo o ex-ditador, seus filhos e o odiado ex-ministro do Interior - estão sendo julgados de novo, com possibilidade de absolvição. Somente dois dos quase 170 policiais acusados de matar cerca de 900 manifestantes durante as revoltas de 2011 estão na prisão. Muitos foram absolvidos. Para a maioria, incluindo Hosni Mubarak, o mundo segue em frente.<sup>64</sup>

---

<sup>62</sup> <http://english.ahram.org.eg/News/60166.aspx> Acessado em 19 de janeiro de 2013

<sup>63</sup> O GLOBO, Violência volta à Praça Tahrir para marcar 2 anos da revolução, 26/01/2013

<sup>64</sup> Disponível em [http://www.washingtonpost.com/world/middle\\_east/in-the-new-egypt-many-remnants-of-the-mubarak-order-lead-comfortable-lives/2013/01/24/4a2df00c-649d-11e2-9e1b-07db1d2ccd5b\\_story.html](http://www.washingtonpost.com/world/middle_east/in-the-new-egypt-many-remnants-of-the-mubarak-order-lead-comfortable-lives/2013/01/24/4a2df00c-649d-11e2-9e1b-07db1d2ccd5b_story.html) Acessado em 20 de janeiro de 2013



A Anistia Internacional lamentou o caso, dizendo que “ao não assegurar que os perpetradores sejam punidos, o presidente Morsi faz pouco para se distanciar das décadas de abusos”.<sup>65</sup> Apesar da série de problemas e de protestos contra o governo, a oposição enfrenta dificuldades para ampliar sua base. Formada por um grupo diversificado, que inclui políticos secularistas, jovens ativistas, minorias cristãs e políticos de várias legendas, o grupo mostra dificuldade para alinhar o discurso.

Enquanto a má gestão da Irmandade deve ser destacada e criticada, é importante ressaltar que a oposição não-islâmica do Egito também carece de uma abordagem compreensiva em relação aos problemas econômicos. Na verdade, as discrepâncias sobre a política econômica entre os vários grupos que formam a Frente de Salvação Nacional ameaçam desestabilizar uma coalizão que já é considerada fraca.<sup>66</sup>

Depois de manifestações no mês passado contra a nova Carta, o governo conseguiu aprovar o documento com folga no referendo popular, marcado pelo não comparecimento de cerca de 70% dos eleitores. A Irmandade Muçulmana alega que a oposição contribui para prorrogar a crise com os protestos. O grupo evitou convocar manifestações para o aniversário da revolução, ciente do potencial de confrontos. Em vez de manifestações, a Irmandade usou a data para lançar a iniciativa “Juntos construímos o Egito”, um conjunto de ações sociais que inclui a entrega de suprimentos médicos a um milhão de pessoas e a distribuição de alimentos.

O governo foi alvo de críticas de entusiastas da revolução que derrubou Mubarak. Mohamad ElBaradei, diz que a revolução "saiu dos trilhos", e que os manifestantes, que deveriam ter convertido seu esforço em movimento político, se perderam no meio da transição.

Francamente, estou muito insatisfeito com a transição de poder no Egito. O levante contra Hosni Mubarak foi feito de uma forma maravilhosa. Milhões de pessoas foram às ruas pacificamente pedir justiça social e liberdade. Tudo perfeito. Mas houve um problema: as pessoas que protagonizaram a revolta não tinham um plano para administrar a revolução. Foi um erro fatal. O Exército veio, e os manifestantes acreditaram que os militares estariam do lado deles. A sequência da transição foi a pior possível, a mais ilógica e confusa. Para um país que viveu sob um regime autoritário e nunca soube o que era democracia por 60 anos, não se pode correr para fazer eleições. A segurança continua em péssimo estado, porque boa parte do aparato policial, da época de Mubarak, foi tirado das ruas e

<sup>65</sup> Disponível em <http://www.amnesty.org/en/news/egypt-security-forces-continue-get-away-murder-two-years-start-uprising-2013-01-24>. Acessado em 20 de janeiro de 2013

<sup>66</sup> SABRA, Hani. It's the economy, stupid, 2013. Disponível em <http://tahrirsquared.com/node/73>. Acessado em 20 de janeiro de 2013

não houve reposição. Sem segurança, a economia não funciona. Perdemos 60% das nossas reservas externas. Tínhamos US\$ 36 bilhões e agora só temos US\$ 15 bilhões. Se as pessoas veem que as coisas não melhoraram e que elas continuam sem o básico, meu medo é haver uma nova revolta, mas dos pobres. Uma revolta pelas necessidades básicas. A maioria das pessoas, talvez com exceção aos grupos islâmicos, está decepcionada.<sup>67</sup>

Em entrevista à revista Time, Morsi disse estar preocupado com a situação e com o aumento da oposição, mas garantiu que as eleições parlamentares, programadas para 25 de fevereiro deste ano, trarão paz ao país.

Existe alguma diferença entre o que está acontecendo agora e o que aconteceu em janeiro de 2011. A violência me preocupa, mas tenho certeza que os egípcios irão superar isso. Estamos aprendendo. Estamos aprendendo a ser livres. Nunca vimos isto antes. Estamos aprendendo a debater. A discordar. Ainda não temos um parlamento, e isso é muito ruim. A situação está nos forçando a acabar com esse entrave e chegar à uma situação estável e de paz. Queremos a paz. Estou no palácio presidencial há meses. Não são 30 anos. Eu fiz parte da revolução, e representei a Irmandade Muçulmana na Praça Tahrir. 2012 foi o melhor ano da vida de muitos egípcios. Tivemos as primeiras eleições de verdade em nosso país, e não foi um processo fácil. E não está sendo fácil agora. Estamos sofrendo, mas um nascimento não é fácil, especialmente o nascimento de uma nação. Não está sendo fácil de liderar, mas somos capazes.<sup>68</sup>

A mudança está em curso e, apesar do sucesso recente de Mohamed Morsi nas eleições presidenciais, a direção política do Egito está longe de ser decidida. Enquanto Morsi passa pela mais grave crise desde sua chegada ao poder, questões sobre o futuro do Egito continuam a pairar.

O povo egípcio permanece incerto sobre qual partido político reúne as melhores condições para representar seus interesses. O povo vai exigir que os seus desejos sejam respeitados e que, após derrubar o presidente Hosni Mubarak, não vai tolerar a busca interesses individuais ou partidários acima dos interesses nacionais. A centralização do poder pelo presidente Morsi nas últimas semanas criou preocupações entre os secularistas que as reformas, em combinação com restrições recentes na mídia, podem indicar uma transição em direção a uma forma mais autoritária de governo, evocando a era Mubarak. Como Morsi e a Irmandade Muçulmana serão capaz de satisfazer a população? Na melhor das hipóteses, Morsi é um pragmático inteligente que vai tentar usar o seu histórico islâmico como uma garantia para os conservadores, procurando ao

<sup>67</sup> Disponível em

<http://revistaepoca.globo.com/Mundo/noticia/2012/08/mohamed-elbaradei-o-egito-virou-uma-bagunca-total.html>. Acessado em 20 de janeiro de 2013

<sup>68</sup> Disponível em <http://world.time.com/2012/11/28/transcript-times-interview-with-egyptian-president-mohamed-morsi/>. Acessado em 20 de janeiro de 2013

mesmo tempo manter a estabilidade e acomodar as agendas díspares dos militares, a Irmandade Muçulmana e os secularistas. Na pior das hipóteses, Morsi é o porta-voz da Irmandade e vai usar sua posição para impor cegamente sua agenda islâmica.<sup>69</sup>

### 3.3 O conteúdo simbólico da Primavera Árabe

As revoluções que ocorreram no norte da África no início de 2011 inspiraram a mobilização que ocupou as Praças da Espanha em maio, e a Wall Street nos Estados Unidos em outubro, além de ocupações em espaços públicos em outras cidades no mundo como Londres, Paris, Bruxelas e Rio de Janeiro.

Os protestos de maio de 2011 na Espanha, chamados por alguns meios espanhóis de *Movimiento 15-M*, foram uma série de protestos espontâneos de cidadãos inicialmente organizados pelas redes sociais e idealizados em um primeiro momento pela plataforma civil e digital *¡Democracia Real Ya!* (em espanhol: Democracia Real Já!). O movimento, que elegeu a Puerta Del Sol, maior Praça de Madrid, como centro dos protestos, esteve focado contra o que os manifestantes chamaram de medidas anti-sociais em mãos de banqueiros, referindo-se aos ajustes que a Espanha fez em 2010 para conter a crise financeira europeia, com medidas de resgates aos bancos, aqueles que a sociedade vê como os responsáveis pela crise, enquanto se seguiam anunciando cortes sociais.

Na Inglaterra, manifestações violentas, ocorridas entre os dias 6 e 10 de agosto de 2011, levaram caos a diversas cidades, inclusive em boa parte da cidade de Londres. Tudo começou após uma manifestação pacífica para pedir esclarecimentos às autoridades sobre o assassinato de um jovem dois dias antes por membros armados da Polícia Metropolitana de Londres. A manifestação degenerou em motim, inicialmente na área de Tottenham, no norte da capital. Os distúrbios foram caracterizados por saques desenfreados e ataques incendiários de níveis sem precedentes. A principal arma dos manifestantes? Um serviço de bate-papo instantâneo via Internet, onde as mensagens, criptografadas, eram impossíveis de serem rastreadas. Os distúrbios levaram o primeiro-ministro inglês David Cameron a cogitar o bloqueio das mídias sociais, deflagrando um intenso debate sobre censura.

---

<sup>69</sup> Disponível em <http://www.midanmasr.com/en/article.aspx?ArticleID=223>. Acessado em 20 de janeiro de 2013

A declaração do premier David Cameron de que poderá bloquear temporariamente as mídias sociais e torpedos durante distúrbios como os vistos nos últimos dias dividiu opiniões no país, acendendo, agora, o debate sobre os limites sobre o que é a necessidade de manter a ordem pública e o que é censura. Os distúrbios, que já resultaram na morte de três jovens, espalharam-se rapidamente de Londres para Birmingham, Manchester e outras cidades britânicas, acelerados por mensagens via Twitter, Facebook ou o serviço de mensagens gratuitos do Blackberry (BBM). Pelo menos 20 pessoas já foram presas por incitar ataques via Internet, e Camerom vê num possível bloqueio uma forma de conter os saques e depredações. "Estamos trabalhando com a polícia, os serviços de inteligência e a indústria para ver se é correto deter a comunicação via esses websites e serviços quando sabemos que estão conspirando para violência, desordem e criminalidade. O fluxo livre de informação pode ser usado para o bem, mas também ser usado também para o mal", disse o primeiro-ministro.<sup>70</sup>

A onda de protestos chegou inclusive no coração do sistema financeiro dos Estados Unidos. O *Occupy Wall Street* protestava contra a influência empresarial na sociedade e no governo dos Estados Unidos e a impunidade dos responsáveis e beneficiários da crise financeira mundial. Primeiramente ignorado pela mídia tradicional, o movimento buscou mostrar que a sociedade norte-americana não precisa dos empresários de Wall Street para construir um futuro melhor.

Iniciado no dia 15 de novembro com a ocupação do Zuccotti Park, o movimento foi brutalmente reprimido dois meses depois, com a desocupação à força do parque. A ação da polícia repercutiu de maneira contundente nas mídias sociais, principalmente no Twitter, com mensagens de pessoas indignadas com a repressão. Jornalistas relataram o abuso de poder dos agentes da polícia, que impediram a cobertura da retirada dos ocupantes da Praça. Mais de duzentas pessoas foram presas, colocando o movimento novamente em evidência nos principais jornais do mundo. Dois dias depois, mais confusão. Milhares de manifestantes marcharam em direção à Bolsa de Valores de Nova York, entrando em conflito direto com a polícia, resultando na prisão de 175 pessoas.

A chamada para mobilização mundial no dia 15 de outubro na página Takethesquare.net, um dos vários sites que reúnem as ideias do movimento, explica esta mobilização global:

A chave do 15 de outubro não deve ser apenas mobilizar pessoas através de algumas ações simultâneas, mas conscientizar-se de que o mundo age junto, e assim, começar a construção de uma rede entre todos nós, para decidirmos todos juntos, pois esta é a única possibilidade, o que o mundo deveria ser. Sabemos que os poderes são

---

<sup>70</sup> O GLOBO, Modelo egípcio para a ordem britânica. 12/08/2011

mundiais, que vivemos em um mundo globalizado, então por isso nossa resposta deve ser igualmente mundial.<sup>71</sup>

De uma maneira geral, a cobertura midiática tem buscado não relacionar as manifestações entre si, forjando a aparência de movimentos isolados. Entretanto, o chamado à manifestação global do 15 de outubro levou milhares de cidadãos às ruas de mais de 950 cidades, de 82 países em todo o mundo - números refletem o sentimento geral de insatisfação, ainda que demandas concretas e a organização a longo prazo ainda deixe a desejar.

Dahlgren afirma que

[...]Ainda que a tecnologia forneça os recursos-chave para um aumento da comunicação entre os cidadãos, é a discussão em si que irá dar vida ao espaço público. Aonde se desenvolve tal interação, entre quem, sob quais circunstâncias, via quais tipos de processos comunicativos e graça a quais competências? (DAHLGREN, 2000; 170).

Neste sentido, a cobertura por parte de mídias alternativas e amadoras e a troca mais ou menos direta de informações entre os ativistas através da rede foram, e ainda são, a maior fonte de informações do movimento. A tecnologia streaming que permitiu a transmissão em tempo real de assembleias, manifestações e o dia a dia dos acampamentos contribui para o reconhecimento entre pares, mesmo que geograficamente distantes, e o fortalecimento do sentimento compartilhado de indignação, que pode levar a ações em contextos locais e específicos.

Este processo de digitalização não diz respeito apenas à transposição de conteúdos para o meio digital, mas sim como os elementos tecnológicos alteram relações sociais a partir de uma nova configuração de conhecimento e de cultura. E essa cultura de redes estabelecida no meio digital atua como um potencializador para a conexão entre grupos sociais e vontades construtivas que até então se encontravam dispersos, possibilitando produções colaborativas e circuitos alternativos através das novas tecnologias. Ainda que seja muito complicado usar o termo sociedade, em toda sua diversidade e divergências, hoje as movimentações políticas em uns pais refletem e motivam experiências em outros territórios de forma muito mais rápida, viral e informal.

---

<sup>71</sup> Disponível em <http://takethesquare.net/2011/09/24/15th-october--whats-the-plan-15oct/>. Acessado em 20 de janeiro de 2013

Se a democracia na época moderna era a invenção da liberdade, a democracia agora é a invenção do comum, do que nos une. Conseguimos criar um código fonte, como se fosse um software livre, e o colocamos à disposição de todos, porque nós também vimos como haviam feito nossos irmãos do mundo árabe. (...) Não se trata de como transmitir mensagens, mas como surge uma organização coletiva e interativa e se cria uma pequena inteligência coletiva. E, claro, ao liberar o código fonte, a gente o melhora e modifica (TORET apud FERNANDEZ, 2011; 54).

Não é de hoje que movimentos sociais locais encontram reflexo em contextos internacionais. O próprio maio de 68 só alcançou essa dimensão histórica porque não foi apenas em Paris que jovens universitários se uniam a classe trabalhadora para lutar por mudanças sociais – mas também nos Estados Unidos, Praga, Cuba e inclusive no Brasil. Cada movimento tinha seus desafios e bandeiras, mas toda esta juventude estava de alguma forma envolta no sentimento de que uma revolução (social, cultural, política) estava acontecendo. A diferença hoje é que a Internet proporciona um contato mais imediato, que possibilita o surgimento de ideários comuns e compartilhamento experiências, buscando novas respostas para novos problemas.

O principal ponto é que estes agentes não estão ligados apenas por uma estrutura tecnológica, mas por uma cultura política que envolve autonomia, compartilhamento e colaboração, onde ações locais são potencializadas por estas redes estabelecidas. Para o jornalista Eugênio Bucci, “não é a tecnologia que muda a sociedade. Nunca foi. A sociedade, ou os movimentos sociais ou as relações sociais, é o que dão sentido social e histórico para a tecnologia, e não o contrário” (BUCCI apud SAVAZONI & COHN, 2009; 208). A jornalista independente Alba Muñoz explica a organização dos manifestantes durante os acampamentos na Espanha.

Nossa forma de nos comportarmos nas Praças era precisamente a mesma da rede: um movimento distribuído, transversal, onde ninguém e ao mesmo tempo todos mandam, e onde é vital o trabalho digital para alcançar um comum. Reivindicávamos o anonimato enquanto experimentávamos uma participação real e livre em algo coletivo (FERNANDEZ, 2011;41).

Os ventos do movimento *Occupy* chegaram ao Brasil na forma da Marcha da Liberdade e dos acampamentos Ocupe. No dia 21 de maio, alguns dias depois da manifestação que deu início às acampadas na Espanha, era proibida em São Paulo a Marcha da Maconha, passeata que tem como principal objetivo a luta pela legalização da droga. Uma semana depois, foi convocada uma ampla manifestação em repúdio à repressão da polícia e em nome da liberdade de expressão, que reuniu bandeiras

diversas (democratização da comunicação, movimento LGBT, descriminalização do direito de expressão, movimento de ciclistas, “ativismo”, entre outros) em uma passeata de quatro mil pessoas na Avenida Paulista.

Na semana seguinte, a marcha se replicava em outras cidades do país, que embora em menor proporção, espalhavam um sentimento comum de uma ação política coletiva, lúdica e sem hierarquias – embora conflitos ideológicos e metodológicos se dessem na prática entre os diferentes movimentos participantes. Alguns meses depois, acampamentos começavam a se levantar em algumas cidades do país como Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília.

Embora não estejam acampados fisicamente, a energia mobilizada durante as manifestações conectou vontades coletivas que se perpetuaram em grupos de trabalho presenciais e em debates em redes digitais, na construção de alternativas ao atual sistema político, econômico e social no país. (CARVALHO, 2012; 201)

Assim, as experiências ativistas nos países da Europa e do Norte da África não devem ser isoladas do que se passa na América Latina, pois embora lidem com contextos locais específicos, são respostas ao atual estágio de desenvolvimento do capitalismo mundial. Se por um lado os meios de comunicação tradicionais hesitam em entrar em detalhes, ou mesmo omitem o que se passa nas manifestações locais, por outro as redes digitais facilitam o contato e a troca de informações estratégicas sobre estas movimentações.

Dois anos atrás, egípcios de todas as esferas da sociedade, muçulmanos e cristãos, homens e mulheres, ricos e pobres, jovens e velhos, estavam lado a lado na Praça Tahrir para exigir o fim do governo de Mubarak. Porém, o contraste entre as imagens icônicas que definiram o levante de 18 dias e as cenas que marcam o segundo aniversário da revolução não poderia ser mais gritante.

O levante, a luta, a revolução — tudo continua. Não há melhora em termos materiais para os egípcios; de fato, os efeitos de 40 anos de corrupção estão se mostrando cada vez mais. Se a democracia for simplificada a algo como ‘as pessoas que estão no poder obtiveram o maior número de pedaços de papel depositados nas urnas’, então, sim, vivemos numa democracia. Se a democracia significa que as pessoas têm informações e a capacidade de escolher entre alternativas, então, não, não estamos vivendo numa democracia. Este presidente e seus assessores chegaram ao poder na esteira da revolução, e prometeram dirigir o país, nesta fase crítica de transição, rumo aos objetivos maiores da revolução: justiça social, liberdade — e mostram agora dia

após dia que estão interessados em agarrar o poder de modo a implementar uma política econômica ainda mais à direita do que a de Mubarak. Para esse fim, eles tentam distrair o país com questões de identidade e questões sociais: um discurso anticristão, um discurso antixiita, a ameaça de reverter uma série de leis que melhoraram a situação da mulher na família e nos direitos individuais. Nada disso vai funcionar no final porque as pessoas estão agora determinadas a obter as coisas pelas quais se revoltaram: empregos, educação, transporte seguro, desenvolvimento real... E então, a revolução continua.<sup>72</sup>

O descontentamento com o atual governo parece ter reacendido a mobilização política de ativistas e líderes de movimentos de oposição à Irmandade Muçulmana. Em novembro de 2012, a Praça Tahrir foi palco de uma das maiores manifestações do ano passado, com aproximadamente 100 mil pessoas. Ahmed Maher, chamado de traidor e vendido por apoiar a candidatura de Morsi durante as eleições, garante que "após anunciar a volta da Lei de Emergência, o presidente só está sendo bem-sucedido na tarefa de unir todos contra ele"<sup>73</sup>. Wael Ghonim, ícone do 25J, também se juntou ao coro de insatisfeitos com o governo, afirmando que a "revolução não foi feita em busca de um ditador benigno, que trocou os interesses do povo pelo acúmulo de poder"<sup>74</sup>.

O sucesso da mobilização virtual de ativistas egípcios no 25J inspirou a criação de novos movimentos políticos baseados nas redes sociais. O *Kazeboon*, "mentirosos" em árabe, surgiu com o objetivo de documentar e expor a violência da polícia e dos militares contra a população. Já o *HarassMap* é uma iniciativa voluntária que combina tecnologia móvel, Internet e ativismo comunitário para combater o assédio sexual no Egito.

Os manifestantes no coração da revolução que começou na Praça Tahrir em 2011 declaram que a revolução continua, mas com focos diferentes - Mubarak, as Forças Armadas, e agora Morsi e a Irmandade Muçulmana. No entanto, deve-se atentar para o fato de que, nos últimos dois anos, o novo sistema político egípcio possibilitou eleições parlamentares, presidenciais, e referendos constitucionais, vitais para a construção da democracia.

---

<sup>72</sup> O GLOBO, Violência volta à Praça Tahrir para marcar 2 anos da revolução, 26/01/2013

<sup>73</sup> Disponível em

<http://online.wsj.com/article/SB10001424127887324469304578143323021924006.html>. Acessado em 20 de janeiro de 2013

<sup>74</sup> [http://www.huffingtonpost.com/2012/11/22/morsi-constitutional-declaration\\_n\\_2175651.html](http://www.huffingtonpost.com/2012/11/22/morsi-constitutional-declaration_n_2175651.html). Acessado em 20 de janeiro de 2013



Os egípcios devem fazer o possível para resistir à hegemonia islâmica sobre a vida política do país, que ameaça a estabilidade da democracia do Egito. No entanto, a oposição nunca conseguirá contestar a Irmandade Muçulmana se não direcionar seu discurso para a maior parte da população egípcia, localizada longe de Cairo e Alexandria. Sem isso, a oposição permanecerá na periferia da política. Se a Praça Tahrir é um símbolo da mobilização jovem, um estudo recente do Banco Mundial mostra que mais da metade da população do Alto Egito, ignorado pela oposição, possui menos de 30 anos. Caso consiga conciliar seus interesses com os da maioria da população, as forças de oposição podem ajudar a criar um caminho de pluralidade para a democracia política. A chave para o sucesso não está na Praça Tahrir e nos protestos: está na urna de votação.<sup>75</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que causou a Primavera Árabe? A resposta é, certamente, abrangente. Mas a história fornece indícios que impossibilitam a indicação de um único fator causal, como, por exemplo, o uso das novas mídias como determinante para a queda de governos duradouros como os de Ben Ali na Tunísia e Mubarak no Egito.

A Primavera Árabe foi o resultado de condições tais como a estagnação econômica e política, o ativismo político através de movimentos sociais, e decisões tomadas por atores-chave de regimes políticos há décadas no poder. Se qualquer um desses fatores fosse significativamente diferente, a Primavera Árabe poderia não ter ocorrido, ou poderia ter tomado uma outra forma. Assim, identificar a Primavera Árabe como um marco dos movimentos políticos em rede através das novas mídias pode ser um equívoco. É necessário observar o fenômeno da Primavera Árabe no conjunto de questões causais significativas - a criação de um movimento ativista que organiza protestos, a organização de um protesto que se transformou em manifestações de massa, e a reestruturação da organização social e política do país após a revolução do 25J.

É plausível, mas não absolutamente seguro, que não teria havido nenhuma revolução sem a ação de ativistas digitais que organizaram protestos contra o governo Mubarak (afinal, protestos surgiram em 2011 em uma série de outros países árabes que não têm tal núcleo de ativistas dedicados). A partir de 2004, um grupo de alguns milhares de pessoas dedicadas tinham se juntado para formar um movimento solto, o Kefaya, que organizou protestos sucessivos contra o regime de Mubarak. Mais tarde, o Movimento 6 de abril usou o Facebook para organizar apoio e publicidade para greves em al-Mahalla al-Kubra. Aqui, as novas mídias podem ter desempenhado um papel

<sup>75</sup> Disponível em <http://tahrirsquared.com/node/1484>. Acessado em 21 de janeiro de 2013

importante. Ativistas podiam se organizar através de blogs, fóruns online, Facebook, e outros espaços.

É certo que os novos meios de comunicação podem ter servido para reduzir os custos no processo de encontrar pessoas que pensam de forma semelhante e para gerar identidade coletiva entre os membros do grupo. As novas mídias também forneceram à esse núcleo ativista um meio eficaz de conexão. Portanto, podemos supor que, sem os novos meios de comunicação, esse movimento poderia ter sido consideravelmente mais fraco.

Mas a criação de um grupo forte e organizado de ativistas online talvez não leve necessariamente a uma ampla ação coletiva. Como observado por Ahmed Saleh, do Movimento 6 de Abril, ativistas egípcios tentaram várias vezes provocar uma ampla mobilização antes de 2011, e não alcançaram um resultado sequer parecido com os eventos que sucederam ao 25J. Por isso a importância das manifestações menores que se transformaram em protestos de massa.

O uso intenso da Internet por um pequeno grupo de atores-chave parece ser insuficiente para explicar a mobilização de milhões de pessoas em diversas cidades. É difícil argumentar que a mídia social teria sido o único canal para mobilização de massa e ignorar a presença outros meios de comunicação. Mesmo após a interrupção de acesso da maioria dos egípcios à Internet, as pessoas eram capazes de receber e consumir informações por televisão, por satélite, comunicação boca a boca, ou mídia impressa. Determinados momentos (sexta-feira depois das orações nas mesquitas) e lugares públicos (Praça Tahrir, no Egito, a Corniche, em Alexandria), tornaram-se “pontos focais” para os manifestantes. Muitas pessoas juntaram-se às marchas de protesto quando viram, por suas janelas, grandes grupos de manifestantes nas ruas.

Não há aqui a intenção de dizer que as novas mídias têm sido irrelevantes para a Primavera Árabe. É que muitas reivindicações sobre a sua relevância parecem ter excedido o que dados e evidências podem suportar. Sem uma análise mais cuidadosa e específica, os argumentos sobre o papel das novas mídias na Primavera Árabe podem cair na mesma armadilha da “Revolução do Twitter” ocorrida no Irã em 2009, resultando em análises equivocadas e expectativas injustificadas. Em ambos os casos, houve relativamente poucos usuários ativos destas novas mídias em comparação com aqueles que estavam usando as formas tradicionais de mídia ou de comunicação face a

face. Estas condições tornam improvável que o Twitter ou qualquer outro meio novo tenham sido diretamente significativos na mobilização de milhões de manifestantes.

Mas em ambos os casos, a nova mídia funcionou como uma espécie de megafone catalizador, editando e hierarquizando a informação e as notícias. No Egito, isto pode ter levado os governos ocidentais a pressionarem o regime de Mubarak, acelerando sua queda. Finalmente, ambos os casos - Irã e Egito - demonstram a importância das novas mídias como ferramentas que podem servir aos objetivos de regimes autoritários, e não apenas de manifestantes anti-regime. Os esforços para encerrar ou abrandar os canais digitais são um exemplo. O governo de Mubarak também enviou as suas próprias mensagens de texto via SMS. Novos meios de comunicação podem facilitar a democratização e os protestos, mas também podem torná-los mais difíceis. Em última análise, não há uma história simples, de como novas mídias tornaram muito mais fácil as mobilizações dos protestos de massa, e portanto, precipitaram a queda de Hosni Mubarak.

Dois anos após essa revolução histórica, os egípcios estão mais divididos do que nunca, e, como os confrontos posteriores têm mostrado, a violência tornou-se a regra e não a exceção nos protestos. Sob a superfície da divisão entre islâmicos e não-islâmicos que dominaram a política egípcia durante grande parte dos últimos dois anos, encontra-se um número de outras fissuras profundas e crescentes na sociedade egípcia, que ocasionalmente irrompem em conflito aberto e violência. As divergências políticas do Egito continuam a inspirar a violência por apoiantes e opositores do atual governo de Mohamed Morsi. Longe de consolidar o caminho egípcio para a estabilidade e democracia, a eleição do primeiro presidente civil do país e a adoção de uma nova Constituição aprofundaram o clima de polarização que domina o Egito desde a queda de Hosni Mubarak. E a Internet está cada vez mais presente e acessível no país.

Esta pesquisa não pretendeu esgotar a análise pontual do papel da Internet na Primavera Árabe, muito menos determinar em que medida a inserção de redes sociais é um fator decisivo nos movimentos sociais onde a população pode expressar-se através de plataformas digitais. Apenas nos detivemos neste episódio histórico como contribuição para uma necessária reflexão a respeito da interpretação dos mecanismos tecnológicos na história contemporânea, utilizando como recorte um acontecimento que poderá vir a ser aprofundado em estudos posteriores.

## REFERÊNCIAS

- ANTOUN, Henrique. **A Web 2.0 e o Futuro da Sociedade Ciber-cultural**. In: Encontro Dos Núcleos De Pesquisa Em Comunicação, 8., 2008, Natal ENPC, 2008.
- AOURAGH, Miryam & ALEXANDER, Anne. **The Egyptian Experience: Sense and Nonsense of the Internet Revolution**, International Journal of Communication 5, 2011.
- BÉNILDE, Marie. **Internet semeia a palavra democrática**. Revista Dossiê Le Monde Diplomatique Brasil: Despertar do mundo Árabe, 2011.
- BRISSON, Zach & LEE, Panthea. **Egypt: From Revolutions to Institutions**, 2011. Disponível em <http://thereboot.org/wp-content/Egypt/Reboot-Egypt-From-Revolutions-To-Institutions.pdf>
- BLATTMANN, Ursula & SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. **Colaboração e interação na WEB 2.0. 2007**. Disponível em <http://revista.ibict.br/pbcib/index.php/pbcib/article/view/846>.
- BLAYDES, Lisa, 2008. **Authoritarian Elections and Elite Management: Theory and Evidence from Egypt**. Anais da conferência sobre ditaduras da Universidade de Princeton, abril de 2008. Disponível em <https://www.princeton.edu/~piirs/Dictatorships042508/Blaydes.pdf>
- BAKER, Raymond e RICHARDS, Alan. **Political Economy Review of Egypt: Prepared for USAID's Governance and Democracy Program**, 1992
- BAKR, Nora. **Change and Opportunities in the Emerging Mediterranean**, University of Malta, 2012
- BRESSAN, Renato Teixeira. **Dilemas da rede: Web 2.0, conceitos, tecnologias e modificações**. Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007
- BROWNLEE, Jason. **The Decline of Pluralism in Mubarak's Egypt**, 2002. Journal of Democracy, Vol. 13, No. 4
- CARVALHO, Aline. **Indignados globais por uma cultura política digital**, 2012. Lugar comum nº 35-36: estudos de mídia, cultura e democracia
- COWIE, Jim. **Egypt leaves the Internet**, 2011. Disponível em <http://www.renesys.com/blog/2011/01/egypt-leaves-the-Internet.shtml>

DAHLGREN, Peter. **O espaço público e a Internet: estrutura, espaço e comunicação**. Revista Réseaux n.100, 2000.

EMON, Anver & LUST, Ellen. **We Are All Khaled Said: An Interview with the Administrators of the Facebook Page that Fueled the Egyptian Revolution**, 2011. Disponível em [http://www.bostonreview.net/BR36.6/khaled\\_said\\_facebook\\_egypt\\_revolution.php](http://www.bostonreview.net/BR36.6/khaled_said_facebook_egypt_revolution.php)

FERNANDEZ, Amador [et al.]. **Las voces del 15M**. Barcelona: Los libros del Lince, 2011.

GHONIN, Wael. **Revolution 2.0: the power of the people is greater than the people in Power**, 2012

HOWARD, N. Philip & HUSSAIN, M. Muzammil, **Opening Closed Regimes: What was the Role of Social Media During the Arab Spring?** Washington, 2011. Disponível em [http://pitpi.org/wp-content/uploads/2013/02/2011\\_Howard-Duffy-Freelon-Hussain-Mari-Mazaid\\_pITPI.pdf](http://pitpi.org/wp-content/uploads/2013/02/2011_Howard-Duffy-Freelon-Hussain-Mari-Mazaid_pITPI.pdf)

ISMAIL, Farrag. **Egypt newspapers see a radical change in rhetoric**. Al Arabiya News. 10 de fevereiro de 2011. Disponível em <http://english.alarabiya.net/articles/2011/02/09/136992.html>.

KANDIL, Hazem. **A revolta no Egito. Novos estud.** - CEBRAP, São Paulo. n. 91, Novembro de 2011. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002011000300009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002011000300009&lng=en&nrm=iso).

LEVINSON, Charles & COKER, Margaret. **The Secret Rally That Sparked an Uprising**, 11 de fevereiro de 2011. Disponível em <http://online.wsj.com/article/SB10001424052748704132204576135882356532702.html>

MUMTAZ, Kashif. **The fall of Mubarak: the failure of survival strategies**, 2012. Disponível em [http://www.issi.org.pk/publication-files/1328590763\\_27748727.pdf](http://www.issi.org.pk/publication-files/1328590763_27748727.pdf)

PACIELLO, Maria Cristina. **Egypt's Last Decade: The Emergence Of A Social Question**, Mediterranean Paper Series, 2011

ROLL, Stephan. **Gamal Mubarak and the Discard in Egypt's Ruling Elite**, Carnegie Endowment for International Peace, September 1, 2010. Disponível em <http://www.carnegieendowment.org/2010/09/01/gamal-mubarak-and-discord-in-egypt-s-ruling-elite/k3>.

RYAN, Curtis R. **Political Strategies and Regime Survival In Egypt**, 2001.  
Published by the Association of Third World Studies.

SABRA, Hani. It's the economy, stupid, 2013. Disponível em  
<http://tahrirsquared.com/node/73>

SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio. **Cultura digital.br**. Rio de Janeiro: Beco do  
Azougue, 2009

SHIRKY, Clay. **The Political Power of Social Media**. **Foreign Affairs**, 2011.  
Disponível em <http://www.foreignaffairs.com/articles/67038/clay-shirky/the-political-power-of-social-media>.

SHIRKY, Clay. **Lá vem todo mundo: o poder de se organizar sem organizações**,  
Zahar, 2012.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação**, Zahar, 2011.

TRISTAM, Pierre. **Wikileaks Cable: Tunisian Corruption and President Zine el-  
Abidine Ben Ali**. Disponível em <http://middleeast.about.com/od/tunisia/a/tunisia-corruption-wikileaks.html>.

WAHBA, Khaled. **The Egyptian Revolution 2011: The Fall of the Virtual Wall -  
The Revolution Systems Thinking Archetype**, Cairo University, 2011